

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS- CECEN
CURSO DE HISTÓRIA

IASMIM THAIS FURTADO GOMES

“A ABADIA DE NORTHANGER”: uma análise das representações históricas
presentes na obra.

São Luís, MA.
2018

IASMIM THAIS FURTADO GOMES

“A ABADIA DE NORTHANGER”: uma análise das representações históricas
presentes na obra.

Monografia apresentada ao Curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão como parte
dos requisitos para a obtenção do grau de
Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique de Paula
Borrvalho.

São Luís, MA.

2018

Gomes, Iasmim Thaís Furtado.

“A Abadia de Northanger”: uma análise das representações históricas presentes na obra/ Iasmim Thaís Furtado Gomes. – São Luís, 2018.

54.

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

Orientador: Prof.Dr. José Henrique de Paula Borralho.

1. Literatura. 2.História. 3. Representação. 4. Comportamento. 5. Jane Austen.I. Título.

CDU 94:821.111-31(420)

IASMIM THAÍS FURTADO GOMES

“A ABADIA DE NORTHANGER”: uma análise das representações históricas
presentes na obra.

Monografia apresentada ao curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão como parte
dos requisitos para a obtenção do grau de
Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique de Paulo
Borralho.

Apresentada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho
Universidade Estadual do Maranhão

1º Examinador

2º examinador

O amor faz parte da vida. A poesia faz parte do amor da vida. Amor e poesia engendram-se mutuamente e podem identificar-se um com o outro.

Se o amor expressa o ápice supremo da sabedoria e da loucura, é preciso assumir o amor.

Edgar Morin

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, porque d'Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

Agradeço aos meus pais Ideraldo e Liana. Minha mãe Lica por ter aceitado minha escolha e por todo o cuidado comigo até hoje. Meu pai, Seu Dé como minha bisa carinhosamente lhe chamava, obrigada por ter sido o primeiro a me dar apoio e me incentivar na minha escolha. Nunca existirão palavras suficientes para agradecer vocês. Eu os amo.

À mãe Ia, a segunda mãe que Deus me presenteou assim que eu nasci, e que esteve ao meu lado até o último suspiro. Queria você aqui comigo pra me dar todo o apoio que sempre me deu e se orgulhar de mim, mas Deus te quis como meu anjo no céu e só o que restou foi saudade. Não há um dia que eu não sinta a tua falta. É pra você minha mãe carioca, com todo amor que você merece.

À minha irmã Layla, que sempre cuidou de mim com todo o cuidado desse mundo. Obrigada a você e a Rogério por todos os ensinamentos, desafios e confiança em mim, só tenho a agradecer tanto amor, saibam que é recíproco. Obrigada por me presentear com os bens mais valiosos que eu tenho na vida, meus sobrinhos. Julia e Ricardo, a tia ama muito vocês.

À minha irmã Amanda por todo cuidado e carinho comigo, pelas horas no telefone, por ter sido a maior influenciadora dos meus gostos na adolescência, e por me amar de um jeitinho todo especial que só você sabe. Minha APÁ que eu amo.

À meu segundo pai Kleber, obrigada por ter feito minha infância tão alegre, eu vou brigar contigo sempre pra ver se tu cria juízo viu KREBI.

Aos meus avôs Fernando Furtado e José Maria, os maiores contadores de história que eu já conheci.

Às minha avós Magdalena e Janice, vocês me ensinam tanto sobre a vida, as pessoas, a juventude e o amor. Desconfio que vocês são da minha geração, minhas coroas.

À toda a família Furtado, por toda alegria, apoio, pelas piadas e pelas brigas, vocês me ensinam diariamente sobre compreensão. Se existir família mais barulhenta no mundo, eu desconheço.

À toda família Gomes, pela seriedade, calma e organização, vocês me ensinam muito sobre paciência e tolerância. Eu precisava mesmo manter o equilíbrio.

Aos meus padrinhos, Beth Furtado, minha dindinha. E Ilmar Gomes, padrinho Mazinho. Vocês sempre se fizeram presentes em todos os momentos que eu precisei. Obrigada por me aceitarem como filha.

Obrigada em especial aos meus primos Valderez em quem sempre posso encontrar sorrisos fáceis. Igor que me ensina cada dia sobre as mudanças necessárias na vida, você é meu orgulho menino gigante. Kadmo, o primo em quem sempre me inspiro pela dedicação e garra, obrigada por cada conversa nos cafés e bares da nossa ilha. Bia, obrigada por todos os sorrisos, todos os elogios e todas as vídeo chamadas que tomam horas do nosso dia e conversas intermináveis para amenizar essa saudade que é maior que o Atlântico. Vina, como carinhosamente te chamamos, obrigada por mesmo na ausência ser tão presente, cada palavra de incentivo teu tem uma força incrível, por ser uma mulher tão grandiosa. Amo cada um de vocês de um jeito muito especial.

Obrigada em especial ao primo Fernando e sua esposa Renata, vocês sabem o tamanho da importância que tem na minha escolha, e o quanto sou grata por ter vocês no meu coração. Primo Rafael e sua esposa Mayara, obrigada por cada viagem, cada conversa, cada cuidado e proteção de vocês comigo, sou muito grata por todos os ensinamentos transmitidos.

Obrigada Mariana Furtado, a prima que é irmã de alma. Que cuida, protege, escuta, aconselha, e faz tudo que for possível para me arrancar um sorriso. Você é a melhor amiga, prima, irmã, parceira e tudo mais que você quiser ser para mim. Não existem palavras que descrevam a tua importância para mim. Te amo Mel.

Agradeço a todo o corpo docente do curso de História, cada um me ensinou algo que vou levar pra vida, sobre história, sobre a universidade, sobre o mundo. Grata pela passagem de cada um na minha história.

Agradeço em especial ao meu orientador, o professor Henrique Borrvalho, por toda paciência, liberdade, carinho, confiança e ensinamentos. Você é um cara incrível.

Agradeço ao grupo de pesquisa NEHISLIM, por todos os diálogos, e conhecimentos compartilhados, em especial meus amigos João Pedro, Gabriele, Larissa e Dayvid, que sempre me deram palavras de apoio e me elogiaram em momentos que achei que estava tudo errado. Agradeço também ao professor Valdério, pelas inúmeras conversas, conselhos, confiança e atenção, muito obrigada.

Agradeço também a professora Neila Souza e a professora Milena Galdez por terem se tornado pessoas tão presentes na minha caminhada até aqui, vocês são seres de luz, bem mais que professoras. Cada uma à seu jeito, me ensinou muito sobre a vida, o amor próprio e a liberdade. Muito carinho por vocês, minhas sagitarianas preferidas.

Agradeço a minha turma de 2013.1 por todo o caminho que trilhamos juntos, todos os trabalhos, provas e seminários. Valeu a pena ter conhecido vocês e ter trocado tantos conhecimentos ao longo dessa jornada. Em especial a dupla Samara e Camila a quem tenho muito carinho, à minha parceira de estágio Quézia, por quem oro desde o primeiro instante em que a vi pra que Deus sempre lhe abra as mais belas portas, e a Sara Sales, por todas as conversas, e todo o bom gosto que temos em comum sobre músicas e livros.

Agradeço imensamente à galera do fundão, Rafael, Gilvan, Lucas, Rardson, Joan e Renan, vocês alegam minha vida e me dão as melhores dicas desse mundo. Em especial Paulo Freire, meu companheiro de tantos momentos nessa caminhada de leitura, escrita e indecisão, você me ensinou muito sobre simplicidade. Amo vocês.

Agradeço aos alunos da turma de 2014.1. Em especial, Matheus Muniz por cada conselho, Pedro Ribeiro por cada viagem até nosso município tão tão distante, Kalynne por todas as conversas e cuidado uma com a outra, Allysson por ter sempre uma palavra de incentivo, um conselho e por toda tanta tranquilidade que nos passa e Raissa por ser quem sempre nos dá um incentivo nos momentos de fraqueza nas lutas diárias por um mundo melhor. Vocês são muito importantes para mim.

Agradeço ao amigos que fiz no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho: Tiago, André, Gustavo e Joelma. E em especial Paulo, que sempre me auxiliou na construção desse trabalho, com conselhos, correções, indicações e esclarecimentos. Que essa amizade perdure por toda a vida, construímos um laço forte e amadurecemos cada dia mais. Que nunca nos falte respeito, alegria e café.

Agradeço em especial aos dois melhores presentes que a graduação me deu. Sarah que esteve ao meu lado em cada momento de tensão e alegria, juntas aprendemos de andar de ônibus à o valor de uma amizade construída com respeito e afeto. Obrigada por cada obstáculo que esteve ao meu lado e me permitiu estar ao seu, tenho certeza que nos ajudou a sermos mais fortes e amadurecermos mais.

Thaís, mais incontáveis que os teus conselhos pra mim, só mesmo tua paciência diante das minhas histórias infinitas. Você não faz ideia de como suas conversas, seu apoio e seu cuidado foram importantes pra eu não desistir. Você acreditou em mim em momentos que eu não acreditava mais, obrigada por isso. Eu amo vocês.

Agradeço também aos meus amigos veteranos, que me acolheram na graduação com tanto carinho, tanta preocupação e tanto cuidado, em especial Lucas Parreão, Diogo André e Pablo Gabriel. Vocês nem imaginam o quanto sou grata a vocês.

Agradeço a minha família Cearense, a Tia Silma que sempre me incentivou e vibrou minhas vitórias comigo, a Joisi e a Júlia por tanta paciência, tanto amor e tanto

cuidado. Obrigada por todo carinho e apoio mesmo de longe, e por me presentarem com sobrinhos que me arrancam sorrisos diários, o Bernardo e a Clarinha sempre terão meu amor e cuidado.

Obrigada às minhas amigas de infância, Lucianna Oliveira por todos os risos, pela melhor viagem que eu já fiz, por tanta compreensão, e por me acolher sempre na sua casa e no seu colo nos momentos que mais precisei. E Amanda, por nos ensinar tanto com sua calma, dedicação e leveza. Vocês sempre estiveram aqui por mim, sempre estarei para vocês.

Obrigada às minha amigas dos tempos de Divina Pastora por se fazerem tão presentes em cada momento de transição para a vida adulta, Anna Rosa Farias e Nathália Santiago. Anna por cada aventura, cada descoberta, cada segredo. Nathy por cada sorriso, por uma família tão acolhedora, por cada puxão de orelha. Vocês duas me ensinaram que uma amizade verdadeira resiste a distância e correria, não importa o tempo que passe, seremos sempre aquelas meninas cheias de alegria que juraram nunca se separar. Estarei aqui pra vocês até o fim.

Obrigada ao meu amigo Yago, por cada oração e conversa nos momentos difíceis, você me ajuda a manter firme a fé e a confiança no Pai.

Obrigada ao meu amigo Fernando Hoffman, por cada momento que compartilhamos, cada carona, cada conselho, cada cuidado e por ter o coração mais lindo do mundo. Obrigada por não desistir de mim, por estar ao meu lado quando eu não merecia e por me dar amor quando eu fui só indiferença. Teu abraço me conforta sempre, te amo meu alemão.

Obrigada aos meus amigos de fé, por segurarem minha mão e me darem forças diariamente pra seguir sendo exemplo de Deus. Gleyce, Kamila, Danilo, Arlen e Dayvson. Em especial Raissa e Fabio por ouvirem todos os meus dramas e serem tão compreensivos nas minhas ausências, a amizade de vocês é essencial pra mim. Jamais se esqueçam que o importante é a rosa, e vocês são o presente que a rosa me deu.

Obrigada a Lauisa, a bibliotecária mais legal, que se tornou amiga e psicóloga nas horas vagas. Todo esse carinho é recíproco.

Obrigada às Quitérias da História, em especial Geysa e Katyre, que por tantas vezes me mostraram que precisamos de força e doçura pra enfrentar a dureza da vida. Ao grupo todo meu muito obrigada, cada discussão, roda de conversa, ato de repúdio, me mostrou o quanto nossa luta enquanto mulheres é diária, contra o preconceito, o sexíssimo, o machismo, a objetificação e tantas outras causas que só fazem de nós cada vez mais o sexo forte. Por todas as Marias desse país, avante na luta meninas.

RESUMO

Essa monografia busca analisar como a autora Jane Austen confere à trama de suas histórias, elementos que se assemelham as experiências cotidianas, e refletir sobre alguns apontamentos expressos pela autora através dos diálogos de seus personagens. A partir daí, e aliada à discussão acerca da aproximação entre o campo da literatura e da história, tomaremos a obra “A Abadia de Northanger” como ponto de partida para analisar e problematizar as representações em sua maioria, dos comportamentos, construídas na obra, assim como perceber a mobilidade e o entrelaçamento dos sujeitos que viviam nos campos, e médias cidades inglesas na virada do século XVIII para o XIX.

Palavras-chave: Literatura. História. Representação. Comportamento. Jane Austen.

ABSTRACT

This monograph seeks to analyze how author Jane Austen confers on the plot of her stories, elements that resemble everyday experiences, and reflect on some of the notes expressed by the author through the dialogues of her characters. From there, and allied to the discussion about the approximation between the field of literature and history, we will take the work "The Abbey of Northanger" as a starting point to analyze and problematize the representations in their majority, the behaviors, built in the work, as well as to perceive the mobility and the entanglement of the subjects that lived in the fields, and medium English cities at the turn of the century XVIII to the XIX.

Keywords: Literature. History. Representation. Behavior. Jane Austen.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 A HISTÓRIA E A FONTE LITERÁRIA | 16 |
| 2.1 Da História e da Literatura: a aproximação dos campos de atuação | 19 |
| 2.2 Discussões gerais sobre o uso da obra literária..... | 24 |
| 3 A Abadia de Northanger: representações de comportamento | 27 |
| 3.1 “A Abadia de Northanger” um breve resumo da obra..... | 27 |
| 3.2 O romance e suas representações | 30 |
| 4 O ROMANCE COMO TÊMÁTICA CENTRAL | 41 |
| 4.1 “A Abadia de Northanger”: o caráter pedagógico da obra..... | 42 |
| 4.2 O romance: a crítica de Austen em torno de suas representações..... | 45 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 51 |
| REFERÊNCIAS | 53 |

1. INTRODUÇÃO

“A forma do narratário de existir é pincelada sim pelas matizes do autor, por vezes crivada, obliterada, mas depois de existindo, ainda que recortada pelo véis de quem dera vida à obra, ganha sentido em si mesma porque necessita viver e não faz sentido existir sem estabelecer correlação, aliteração com quem lhe permitiu existir.” (BORRALHO, 2014, p. 95)

Temos tanto na História quanto na Literatura, o uso recorrente da narrativa para expressar as mais diversas inquietações, reflexões, críticas e tantas outras questões que nos causam ora dúvida, ora desconfiança. Temos em ambas, a necessidade de observação e investigação a fim de expressar-nos através da linguagem, e permitindo que História e Literatura concretizem seu principal objetivo, de se perpetuar.

Ao procurar a Literatura como ponto de partida para uma pesquisa histórica, o historiador deve ter em mente, que sua função não é analisar a obra a partir de seu conteúdo. Mas se utilizar dos procedimentos de realização das linguagens a favor da Literatura (FERREIRA, 2009), definida como literariedade¹.

Para isso, é inevitável que o historiador esteja cercado pelo contexto da obra escolhida. Que se certifique quanto à vida do autor, e se possível, abrindo precedentes para a formação educacional dos mesmos, assim como, para mapear as suas referências.

Como documento histórico, a obra literária está suscetível a investigação e análise crítica minuciosa, considerando a importância do meio social para ela, ou até mesmo sua influência diante do meio.

“Do ponto de vista da função, chega-se também a uma aporia: literatura pode estar de acordo com a sociedade, mas também em desacordo; pode acompanhar o movimento, mas também precedê-lo. A pesquisa da literatura por parte da instituição leva a um relativismo sócio-histórico herdeiro do romantismo.” (COMPAGNON, 2006, p. 37)

Não podemos nos esquecer que a História se vale de métodos para fazer a análise de seus objetos de estudo. No caso da Literatura como fonte de nossa investigação, nos valeremos da aproximação com outras áreas de estudo, visando uma compreensão mais abrangente do nosso objeto em questão, que se trata de perceber a representação de relações comportamentais.

¹ Ver definição. FERREIRA, 2009, pg. 66.

Em alguns momentos, o uso de categorias de outras áreas será necessário. Contudo, sempre que necessário, é importante que o historiador não se abstenha de tecer críticas sobre essas categorias. Nem tampouco que deixe de problematizar os seus usos.

Temos neste trabalho, um olhar voltado para a literatura como uma composição de expressões, ideias e inquietações. A autora se utiliza da narrativa para construir seu romance, recorrendo a elementos cotidianos para através dele, analisar as diversas representações que a mesma constrói ou se propõe a reproduzir em sua narrativa.

A obra literária que utilizaremos aqui foi escrita por uma mulher que vivia nos campos ingleses ao final do século XVIII. Devemos considerar cada uma dessas características, como fatores de grande importância para a formação escrita da mesma. Não à toa, que se observarmos a estrutura familiar da personagem principal, àquela que virá a ser uma heroína, encontraremos uma enorme semelhança com as mesmas características da autora.

A intenção deste trabalho, não é voltada para o estudo de gênero, de forma específica. Todavia, levaremos em consideração a condição da mulher nesse período, para melhor compreendermos a trajetória da autora e por consequência, as trajetórias de suas personagens até obterem a realização de sonhos que elas nutrem.

Os costumes da sociedade em que vive; as experiências pessoais e as perspectivas que se constroem a partir de suas observações, podem ser tomadas como elementos fundamentais de construção das suas narrativas “Ao mesmo tempo, acentua o seu caráter particularista, fundado na teoria, que então predomina, de que a literatura exprime as condições locais, o espírito nacional, dependente da raça e das tradições.” (CANDIDO, 2000).

Ao que se percebe, embora considerada uma narrativa literária, é constituída a partir de inquietações do cotidiano em que vive e do qual seus personagens compartilham, e que de alguma forma, reflete os sentimentos do autor para com a sociedade em que está inserido.

A própria autora, considerando o contexto em que viveu e a partir de suas experiências, deixa claro em suas obras – não só a Abadia de Northanger, mas também suas outras obras – a forma como as relações em sociedade vão sofrendo alterações, algo explicitado em suas tramas, através de seus personagens. Dessa forma, é possível perceber a mudança nas narrativas de uma mesma autora e que trabalha com um mesmo gênero (o romance).

Compagnon, em seus escritos acerca das inúmeras questões que permeiam o debate teórico-metodológico da literatura, nos alerta sobre a dinâmica de mudança da literatura a partir de diferentes momentos vividos pelos autores:

“Trata-se mesmo da explicação mais coerente: a literatura muda porque a história muda em torno dela. Literaturas diferentes correspondem a momentos históricos diferentes.” (COMPAGNON, 2006, p.196)

Voltemos nosso olhar quanto à importância da metodologia necessária para o uso desta fonte. É necessário que o historiador evite ao máximo se envolver com a história, ou até mesmo com o autor. Os riscos de uma análise fruto de muito envolvimento, são diversas.

Para melhor ilustrar isso podemos nos direcionar, por exemplo, ao fato de que muitas vezes quando já conhecemos o desenrolar de uma história, acabamos por projetar na trajetória, elementos que possam desenrolar na resolução final. Benjamim nos alerta quanto à essa prática: “Fustel de Coulanges recomenda ao historiador interessado em ressuscitar uma época que esqueça tudo o que sabe sobre fases posteriores da história.” (BENJAMIM, 1994, p. 225)

Sabemos que os discursos da História e da Literatura têm uma fronteira à qual devemos estar atentos (SILVA, 2007). Devemos também ter em mente que a obra literária é capaz de ser gerada com um sentido e ser recebida com outro bem diferente. Quanto a isso, não cabe responsabilizar o autor.

Chartier ao analisar o âmbito cultural de uma perspectiva mais social, nos chama atenção para essa relação:

“Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que os outros transformam em objetos impressos. A diferença, que é justamente o espaço em que se constrói o sentido – ou os sentidos -, (...) apesar de seu desejo de historicizar a experiência que os leitores têm das obras, uma relação pura e imediata entre os ‘sinais’ emitidos pelo texto – que contam com as convenções literárias aceitas – e o ‘horizonte de expectativa’ do público a que se dirigem. Numa tal perspectiva, ‘o efeito produzido’ não depende de modo algum das formas materiais que suportam o texto.” (CHARTIER, 1989, p. 182)

Buscaremos compreender, para além das representações comportamentais da obra. Considerando de grande relevância para este trabalho, entender as relações do gênero literário a que Jane Austen se propõe a escrever, e também a tecer críticas quanto à representação do mesmo.

Ressaltamos também, a importância de se entender o momento histórico que a autora vive, para refletirmos sobre as questões inquietantes da sociedade, que de uma forma ou de outra, acabam por influenciar nas idéias, gostos, comportamentos e até mesmo na sua escrita.

“Para o historiador das sociedades do Antigo Regime, construir a noção de representação como instrumento essencial da análise cultural é investir de uma pertinência operatória um dos conceitos centrais manuseados nestas sociedades. A operação de conhecimento está, assim, ligada ao utensílio nacional que os contemporâneos utilizavam para tornar sua própria sociedade menos opaca ao entendimento.” (CHARTIER, 1989, p. 184)

A intenção desta produção vai muito além de estreitar os laços entre Literatura e História. Procuramos aqui, ressaltar a importância do uso de fontes literárias para a compreensão de processos históricos. Os exemplos, ao longo da história têm a construção de discursos que buscam na literatura, elementos importantes para a consolidação dos Estados Nacionais. (PESAVENTO, 2005)

“A Abadia de Northanger” é uma produção literária da Jane Austen, recheada das mais diversas representações, que nos possibilita executar uma análise de grande relevância para a produção histórica. Traçaremos uma análise minuciosa em torno de como a autora constrói a narrativa, nos chamando atenção para as formas de comportamento, a linguagem que os personagens se utilizam, e a crítica da autora sobre algumas representações.

Importante ressaltar que nos voltamos aos estudos de Chartier (1989) para trabalhar com o conceito de representação, que é o conceito central deste trabalho. Tomaremos portanto a noção de representação – neste caso literária-, como um discurso construído, que muitas vezes visa passar aquilo que o autor gostaria de estar vivendo, ou até mesmo suas expectativas sobre o mundo que o circunda, e não necessariamente uma cópia do mundo real. A representação aqui não se dá por mera reprodução do cotidiano, mas principalmente, por uma construção das impressões de mundo que o autor possui entrelaçadas às suas experiências pessoais.

Considerando que a essência do trabalho é a obra literária acima citada, a análise da obra, a construção da obra e a importância da mesma, serão os pilares para a execução de um trabalho preocupado não só com a importância de se fazer história, mas também, com a missão de reaproximar as outras áreas de conhecimento e dialogar com as mesmas, como é o caso com a literatura.

Dessa forma, temos como objetivos centrais a discussão da relação entre literatura, história e sociedade, buscando contextualizar o debate quanto à obra *A Abadia de Northanger*, compreender a mobilidade e as relações sociais, a partir das representações construídas pela autora Jane Austen na obra acima citada e problematizar a construção das representações, levando em consideração a fonte literária.

Tomaremos inicialmente a discussão entre a literatura, a história e a sociedade como ponto de partida para nortear o leitor acerca das aproximações e distanciamentos entre as áreas de conhecimento, bem como a distinção dos enquadramentos científicos a que foram submetidas. Neste primeiro capítulo, também nos propomos a trazer a relevância da fonte escolhida para a construção de um discurso histórico, buscando contextualizar a obra quanto às análises pretendidas aqui.

No segundo capítulo, nos propomos a fazer uma síntese da obra e demonstrar como se dá a mobilidade nos espaços sociais e também em meio às relações de poder entre os personagens da obra literária em questão. Propomos-nos também a analisar historicamente como as representações, em torno desses personagens, foi construída a partir de fatores como o modelo de comportamento e o grau de conhecimento que os mesmos demonstravam ter.

No terceiro capítulo, nós voltamos a problematizar as representações já analisadas, a fim de compreender as nuances da obra literária que permitiram a autora construir uma narrativa tecendo críticas não só à tipologia textual na qual ela estava “enquadrada”, mas também quanto ao caráter pedagógico que sua obra pode acabar se vinculando. Isso se deve já que, a autora trabalha explicitamente com os modelos de comportamento que devem ou não ser assumidos pelos seus personagens em meio à sociedade, o que pode tornar, intencionalmente ou não, um guia de comportamento, principalmente ao público feminino.

2 A História e a fonte literária

“*A Abadia de Northanger*” foi o primeiro romance escrito de Jane Austen (1775-1817), a obra gira em torno da vida da personagem Catherine, a quem a autora caracteriza como heroína, e que circula em meio às relações de poder presentes no seu cotidiano. Mas antes de entrarmos nos detalhes que envolvem o romance e a autoria, precisamos compreender a importância de construir uma análise a partir da literatura.

A História enquanto ciência estabeleceu seus métodos e cada vez mais se afastou de áreas que antes eram tão comuns que, chegavam a não ter distinção umas entre as outras.

“Logo história e literatura seguiriam caminhos distintos. A segunda tomaria o rumo da mimesis, da verossimilhança, da inverossimilhança e da representação. A primeira se encarregaria da apropriação do mundo real, levando a imaginação histórica a lugares cada vez mais distantes da ficção literária. **Essa distinção, por exemplo, condicionou a literatura a não ter obrigação de explicar o real, embora o faça, mas quando tem a obrigação de fazê-lo deixa de ser literatura.**” (BORRALHO, 2013, p 03. grifos meus).

O fato é que Clio² e Calíope³ acabaram recebendo definições cada vez mais específicas que as afastaram nos casos específicos das distinções entre literatura e história, “ambas nascidas como musas – Calíope e Clio, carregam como símbolo de identidade o globo – ambas são filhas da memória, **ambas interpretam e representam o mundo** (...)” (BORRALHO, 2013, p. 05, grifos meus)

Mesmo com a crise geral das ciências sociais (CHARTIER, 1989), que propiciou ao campo da história uma reflexão acerca não só dos seus objetos de estudo, mas também uma ampliação à novas técnicas e métodos de pesquisa, vários fatores continuam a contribuir para esse enquadramento das ciências em definições específicas, sem levar em consideração a movimentação constante do conhecimento.

Costumamos aprender que História e Literatura são conhecimentos distintos, isso porque crescemos em um molde educacional preocupado em caracterizar e categorizar os conhecimentos. Muitas vezes, deixando de lado a utilidade dessas categorias e segregando-as em áreas específicas dos conhecimentos. No ensino básico, por exemplo, normalmente temos uma diferenciação clara dos objetivos de cada uma delas.

O tradicional “o que é?” e “para que serve”, é nele que costumamos aprender a segregar o conhecimento e fragmentá-lo, já que temos um molde educacional voltado para a utilização de categorias específicas, desconsiderando o uso variado de um mesmo saber em áreas distintas.

Levando em consideração a abertura dos campos de estudo, proporcionadas pelos princípios de interdisciplinaridade, recentemente propostos para o ensino básico, podemos voltar nossas análises para uma aproximação entre as diversas formas de

² Clio a musa da História

³ Calíope a musa da Literatura

conhecimento e a partir daí, reaproximar as irmãs – História e Literatura – em busca da construção de um conhecimento menos categorizado.

Mas antes nos debruçemos em compreender como se deu a abertura da história para uma ampliação das suas fontes; o uso da literatura como fonte de pesquisa histórica e o debate acerca da relação que visamos estabelecer entre Literatura e História.

2.1 Da História e da Literatura: a aproximação dos campos de atuação

A História enquanto ciência obedece à rigidez do método científico, que durante muito tempo tinha seus objetos de estudo construídos a partir de fontes documentais oficiais. Ainda que obedecesse a um rigor científico, as fontes muitas vezes não eram questionadas. As mudanças começaram a acontecer nos meios de produção do conhecimento histórico, desde o surgimento de novas teorias até os questionamentos acerca dos métodos de investigação e uso das fontes.

A crise dos paradigmas dominantes (CHARTIER, 1989), como foi chamada essa impulsão de mudanças no campo das historiografias, foi de extrema importância para que a História se voltasse a novas perspectivas. Isso porque, apesar de se observar um certo rompimento com as ideologias dominantes no meio das ciências sociais, a disciplina história foi buscando romper com seus próprios dogmas.

Através da reflexão de suas principais teorias, considerando a forma como os sujeitos passam a encarar o mundo a sua volta, e o quanto aquelas velhas aliadas do campo teórico ainda são pertinentes quanto as suas reflexões.

Chartier no seu estudo sobre as representações (1989) faz valiosas observações quanto à vastidão dos novos campos de pesquisa, e de como é necessário um cuidado todo especial para não acabar por confundir-se ao executar uma produção de caráter histórico.

“O estado de indecisão que a caracteriza hoje em dia seria, portanto, algo como o próprio reverso de uma vitalidade que, de uma maneira livre e desordenada, multiplica os campos de pesquisa, as experiências, os encontros.” (CHARTIER, 1989, p. 173).

Lembrando que nem mesmo no que diz respeito, ao rigor científico da disciplina, as mudanças se deram instantaneamente, foi necessária toda uma conjuntura que possibilitasse o surgimento de idéias e questionamentos pertinentes a reflexão teórico-metodológica da disciplina.

“Foi, sem dúvida, um contexto histórico preciso e datado que produziu essa mudança que, em última análise, pode ser vista como um ajustamento da realidade do mundo às formulações explicativas do homem para dar conta do próprio mundo.” (PESAVENTO, 2008, p. 15)

Após a abertura da história para novas áreas de pesquisa foi necessário que houvesse também uma reformulação teórico-metodológica, que buscasse abarcar a vastidão na qual os campos de pesquisa histórica passavam a se inserir.

A partir da abertura nos campos de estudo da história, várias vertentes surgiram, contribuindo dessa forma, com os avanços metodológicos cabíveis às diversas linhas teóricas que, se voltavam para as questões mais diversas e buscavam a construção de objetos a partir de fontes documentais nunca antes utilizadas.

Importante ressaltar que o momento histórico é fundamental, para instigar mudanças, reflexões, observações, e etc (...). Esse momento proporciona aos indivíduos, fortes inquietações, que ora se manifestam por suas visões de mundo, ora se voltam para a construção de novas perspectivas a partir de suas percepções quando propõe objetos de estudo, mantidos como estranhos a uma história dedicada por completo à exploração do econômico e do social, como sinaliza Chatier (1989).

“Ao propor objetos de estudo, mantidos até então inteiramente estranhos a uma história dedicada por completo à exploração do econômico e do social, ao propor normas de cientificidade e modos de trabalho imitados das ciências exatas (por exemplo a formalização e a modernização, a explicação das hipóteses, a pesquisa em grupo), as ciências sociais minavam a posição dominante ocupada pela história no campo universitário.” (CHARTIER, 1989, p. 174)

Através das novas perspectivas do campo historiográfico, temos a vertente da História Cultural, da qual partiremos para o estudo da Literatura como fonte histórica. No entanto, é importante ressaltar, que até mesmo a vertente em questão, sofreu modificações do ponto de vista historiográfico, que lhe permitiram ampliar suas perspectivas. Inicialmente tivemos uma abertura no campo historiográfico que se voltou a analisar como se davam as questões culturais e que ficou conhecida como História da Cultura. Posteriormente tivemos o avanço das análises culturais como objeto da história para construir seus discursos, a chamada História Cultural.

A Nova História Cultural retomou suas abordagens, com ainda mais abrangência. A partir dela, surgem reflexões sobre os limites entre a produção histórica e a produção literária. Considerando que ambas, muitas vezes, apresentam-se a partir de uma linha tênue de diferenciação. “A tessitura literária e a tessitura histórica muitas vezes

se misturam, confundem-se, tem suas fronteiras muito próximas, de difícil delimitação e demarcação.” (SILVA, 2011, p. 22)

Para melhor compreendermos sobre as mudanças internas que levaram alguns historiadores a adotar a nomenclatura de Nova História Cultural, podemos recorrer a Pesavento (2008):

“Por vezes, se utiliza a expressão *Nova História Cultural*, a lembrar que antes teria havido uma velha, antiga ou tradicional História Cultural. Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como mero reflexo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. Também foram deixadas para trás concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico.” (PESAVENTO, 2008, p. 14)

A literatura por sua vez, considerada uma arte, objeto de deleite daqueles que possuem o letramento. Tantas vezes categorizada em tipologias, moldes de escrita, características taxativas, e ainda assim, considerada o lugar do ideal, o palácio da fantasia. Não podemos nos voltar para uma obra literária, qualquer que seja ela, desconsiderando todo o processo histórico que a permeia.

De acordo com as inquietações despertadas no sujeito, a literatura se mostra um documento de grandes possibilidades para a pesquisa. “E em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam.” (CERTEAU, 1982, p. 67)

Com a forte tomada cientificista do século XIX, a literatura foi “encaminhada” para o campo da arte, foi tomada como objeto de deleite e apreciação, deixando de lado para muitos, tudo aquilo que permeia o processo de escrita de toda e qualquer produção literária. A literatura, mesmo como arte, é perpassada por uma série de enquadramentos, criados pelo campo das letras.

Gêneros, gerações, moldes e cânones são elementos importantes para reconhecer uma obra enquanto pertencente à literatura. Responsável pelos romances, poemas, prosas e todo o campo da narrativa, o meio literário não se compromete com o real, não por obrigação de assim fazer (BORRALHO, 2013), e quando o faz intencionalmente, logo já se encaixa em outros campos de pesquisa.

Isso se dá dentre várias razões, pela forma como se estabeleceu à escrita nos campos de estudo cientificistas, com normas padrão em cada segmento, rigores acadêmicos e uma série de referências postuladas. Por outro lado, ainda que enquadrada em tipologias, a literatura poderia se utilizar do cotidiano, imaginação, experiência (...) do autor, sem comprovações, apenas a partir da criatividade dos autores. “Literatura

acabou significando, sobretudo, a ‘escrita imaginativa’ dos romances e poemas, em uma separação difícil da escrita ‘factual’ ou ‘discursiva’. (WILLIAMS, 2014, p. 253)

A literatura é uma fonte de estudos que abre diversas possibilidades de pesquisa no campo histórico, desde a análise de uma obra, até as questões que envolvem a canonização ou marginalização de uma obra-autor. Mas as questões metodológicas que envolvem esse tipo de pesquisa são de diversas ordens, e podem obedecer a muitas especificidades.

“A exigência metodológica que se faz, contudo, para que não se regreda a posições reducionistas anteriores, é de que se preserve toda a riqueza estética e comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social.” (SEVCENKO, 1983, p. 20)

A abertura da história para novas fontes de pesquisa foi essencial - e nesse caso falaremos unicamente da literatura, ainda que fontes outras tenham suas respectivas importâncias para a escrita de uma história mais ampla das sociedades -, não só para desconstruir idéias, costumes e modelos, mas também para compreender as construções sociais amplamente difundidas pelas literaturas.

“Também é verdade que a História dá uma evidência mais geral e mais plena ao que são em geral narrativas extrapoladas ou privilegiadas da história literária e, sobretudo, da história da crítica. Mas as questões que alguns tipos de leitura de peças, poemas e romances sugerem são questões que também deveriam ser centrais na própria História e Sociologia, mas que seus métodos mais ortodoxos não conseguem identificar.” (WILLIAMS, 2014, pág. 283)

Utilizaremos ao longo do trabalho a literatura como ponto de partida para a construção de uma análise. Para isso, situaremos a seguir, o papel da fonte literária, assim como o seu uso para a construção de um trabalho de cunho histórico. A pesquisa histórica nos ajuda a compreender muito acerca do papel da literatura em suas diversas dimensões, ou até mesmo da forma como é transmitida ou apropriada ao longo das épocas, (FERREIRA, 2009). Trataremos aqui, de uma obra literária, buscando compreender as implicações que constituem a personagem principal, e a forma como a autora a constrói.

Consideremos a literatura como o ponto de partida no estudo das linguagens (TODOROV, 2003), aquele no qual temos múltiplos campos de relação e de estudo, aquele no qual podemos nos aproximar da estilística e da lingüística – ainda que este trabalho não tenha por intenção de se aproximar de tais áreas.

Ainda que já tenha sido deixada clara a intenção deste trabalho, e o não uso de recursos metodológicos mais comuns, ao campo da linguagem, não só não retira o mérito de suas análises, como também nos desperta o olhar sob a construção dos critérios

de valor estético, e sob os possíveis juízos que são atribuídos a esses critérios (FERREIRA, 2009).

Dessa forma, podemos perceber a importância da linguagem para a literatura, já que ela mesma – a literatura – é uma forma de linguagem, e por vezes, instrumento de compreensão de outras formas de linguagem. Todorov nos chama atenção dessa importância: “A literatura goza, como se vê, de um estatuto particularmente privilegiado no seio das atividades semióticas. Ela tem a linguagem ao mesmo tempo como ponto de partida e como ponto de chegada;” (TODOROV, 2003, p. 53)

Portanto, temos a literatura aqui, como forma de linguagem na qual, a autora, buscou expressar suas perspectivas acerca de questões sociais que lhe implicavam. A literatura foi o instrumento que a autora se valeu para representar as relações sociais que a circundava, e que com a abertura para novas fontes, nos debruçamos sobre a fonte literária em busca de construir um documento de grande relevância histórica.

O intuito dessa análise, não se limita ao simples entendimento da obra a partir das intenções explícitas de quem a escreveu, mas a compreensão daquilo que de alguma forma, motivou a escrita da obra. Certeau (1982) explica parte desse processo ao dizer:

“ Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto.” (CERTEU, 1982, p. 81)

Debruçaremos então, sobre a “A Abadia de Northanger” para analisar suas representações. Aproximando dessa forma a história e a literatura, em busca de romper as barreiras criadas entre as mesmas ao longo do tempo, de enaltecer a importância do estudo das narrativas – sejam elas as mais variadas –.

Levando em consideração que “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a qual recorreram todos os narradores” (BENJAMIM, 1994, p. 198), e que a pesquisa histórica em muito contribui para a compreensão das particularidades de uma obra literária, assim como suas apropriações e sua importância em diversos aspectos da vida humana (FERREIRA, 2009).

2.2 Discussões gerais sobre o uso da obra literária

Trataremos aqui de uma obra, cuja classificação, a enquadrar como romance. A mesma é escrita entre 1795-1798, inicialmente, e envolve uma série de episódios até sua publicação póstuma em 1818, feita pelo irmão da autora, Henry.

Nas histórias da Jane Austen podemos claramente observar sua forte inclinação a representar o ambiente doméstico, desde os seus aspectos físicos até mesmo os costumes que envolvem seus personagens. Através disso, é possível mapear a construção de seus personagens a partir das visões do cotidiano e experiências da autora.

No volume preparado para a publicação dessa obra, é que a identidade da autora foi finalmente revelada. Fato que não era isolado, ainda mais se considerarmos a virada do século XVIII para o XIX, período em que as mulheres tinham sua área de atuação limitada ao ambiente doméstico.

“No entanto, o “segundo sexo” teve sua produção literária inibida por dois motivos fundamentais: primeiramente, cabe considerar que, tradicionalmente, o espaço da mulher é o privado, remetendo ao posicionamento relativo ao imbricamento das posições mulher e domesticidade.” (ZINANI, 2014, p. 2011)

Assim como a mulher tem seus espaços delimitados, suas atividades, seus gostos e seus comportamentos, também costumam estar pré-definidos, a partir de um perfil traçado para que as mulheres sejam consideradas agradáveis em todos os ambientes aos quais puder ter acesso.

Além das implicações da mulher como escritora, geradas pela limitação de atuação em diversos espaços. Houve muitos outros impasses, ao longo da História, que não só restringiram as mulheres de entrar de ocupar espaços dominados pelas figuras masculinas como também moldavam as suas formas de participação.

Um período em que a literatura se expandia através da difusão do livro, e que os escritores, muito influenciados pelas ideias amplamente veiculadas nesse momento, acabam por produzir, muitas vezes, textos de cunho social. Para Darnton (1987). “Uma das hipóteses favoritas da história e da literatura é, a da evolução do *status* do escritor no século XVIII.” (DARNTON, 1987, p.14)

De qualquer forma, as mulheres começaram a ganhar mais espaço, ainda que sob tutela, e passaram também a ter acesso a diferentes níveis educacionais, que antes se mostravam exclusivamente domésticos, já que eram educadas no lar e para o lar. Mesmo que o acesso à uma educação de cunho formal, ainda gerasse vários problemas quanto a sua entrada, e quanto a organização dos currículos. (ZINANE, 2014)

Os entraves, que envolvem a mulher como escritora nesse período, eram tantos, que era muito comum, as autoras publicarem de forma anônima ou com o uso dos mais variados pseudônimos – algumas vezes, se utilizando de nomes masculinos.

No caso da autora que aqui trabalhamos Jane Austen não foi muito diferente, suas primeiras publicações⁴ aconteceram com o uso de pseudônimos, e ela nem sequer participava das negociações, tudo era resolvido por seu pai e seu irmão – este último, responsável pelas publicações póstumas e também por revelar a identidade da autora.

Jane Austen não só escreveu romance, mas foi capaz de problematizar a relação dos mesmos com o meio. Utilizou-se a narrativa não só para representar estereótipos, mas também para afrontá-los. Percebemos a tendência da autora em situar o seu leitor, fornecendo as informações que julga necessárias para o momento do texto.

Ainda assim, existem momentos em que a autora constrói a narrativa com a sutileza necessária para deixar livre a imaginação do leitor. “No discurso literário, como no discurso cotidiano, o sentido pode ser isolado de um conjunto de outros sentidos aos quais se poderia dar o nome de interpretações.” (TODOROV, 2003, p.58)

Temos na narrativa, assim como na literatura, e até mesmo nos romances, tipologias determinadas por um conjunto de características. No caso das narrativas, essas tipologias⁵ fazem referência ao método empregado. Na obra que aqui analisamos, é possível perceber como Austen constrói seu romance, adotando ambas as tipologias, de forma intercalada e precisa.

“O romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento. Quando esses elementos surgiram, a narrativa começou pouco a pouco a tornar-se arcaica; sem dúvida, ela se apropriou, de múltiplas formas, do novo conteúdo, mas não foi determinada verdadeiramente por ele.” (BENJAMIM, 1994, p. 202)

Necessário ressaltar que para além das preocupações da pesquisa histórica sobre o uso de “novas” fontes, como é o caso da literatura. Há também um olhar voltado para as questões ligadas à narrativa:

“Na História, ocorre o retorno da preocupação com a narrativa, da escrita, passando a se questionar como discurso, em como participa na elaboração dos fatos e o indivíduo volta a ser o personagem da história.” (MAFRA, 2016, p. 99)

Ainda, sobre a participação da mulher na escrita, temos:

“No momento em que a mulher se apropria da narrativa, externando seu ponto de vista, passa a questionar as formas institucionalizadas, promovendo uma reflexão sobre a história silenciada e instaurando um espaço de resistência contra as formas simbólicas de representação por meio da criação de novas formas representacionais.” (ZINANE, 2014, p. 12)

⁴ No caso da autora Jane Austen, é importante frisar que a ordem de escrita das obras não corresponde à ordem de publicação.

⁵ Utilizamos aqui a definição de tipologias da narrativa encontradas em Todorov.

Portanto, temos aqui, uma mulher (Austen), que fala das mulheres a sua volta, e em alguns momentos, de si mesma. Problematizando sempre que julga necessário, as questões que envolvem as mulheres, isso deve ser levado em consideração, considerando a relevância dessas informações para a construção dessa análise, devido as inúmeras questões que permeiam desde a forma como as mulheres são descritas até a escrita das mulheres em torno delas mesmas, “a literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura”. (ZINANE, 2014, p. 12

3 A Abadia de Northanger: representações de comportamento

3.1 “A Abadia de Northanger” um breve resumo da obra

A obra “A Abadia de Northanger”, escrita por Jane Austen por volta dos anos 1795 e 1798, foi seu primeiro romance, que inicialmente circulava apenas no ambiente doméstico. A obra em questão teria recebido um nome inicial de Susan, na qual giram diversas curiosidades acerca de sua publicação, fatos que impulsionaram a leitura da obra (além de um declínio pessoal pela já conhecida escrita da autora). Retomando a obra em questão, nos deparamos com certas peculiaridades, desde a ordem de escrita das obras da autora até a publicação póstuma de algumas delas.

Para fins de esclarecimento, Susan é o título usado por algumas referências acerca da obra, como é o caso da versão que aqui utilizamos. Em alguns casos, temos como título Lady Susan. Há diversos porquês acerca da escolha inicial do nome, assim como da escolha definitiva, infelizmente não foi possível delimitar a real explicação para ambos, o que permite que quase duzentos anos depois, ainda circulem diversas hipóteses acerca do título.

Ainda que existam essas diferentes versões acerca tanto do nome inicial da obra, quanto à escolha definitiva do nome. O fato mais intrigante, sem dúvidas, gira em torno da primeira compra do manuscrito, no qual a autora obteve um recebimento pela sua publicação – que chegou até mesmo a ser anunciada –, uma quantia considerável para a época, e a publicação de fato, nunca aconteceu.

Seis anos se passaram sem que a publicação acontecesse, e sem que nada lhe fosse declarado a respeito. Anos mais tarde, sob o uso de um pseudônimo, acabou por contatar os senhores Crosby & Co. – os editores que outrora fizeram a negociação com a promessa de publicação dos manuscritos –, e que prontamente se disponibilizaram a

devolver o manuscrito mediante o valor pelo qual haviam adquirido a obra antes. (BARROSO, 2011)⁶

Muito tempo se passou desde que a obra foi finalizada, sofreu modificações e finalmente foi publicada, e ainda que sua publicação seja póstuma, a Jane Austen deixou uma ressalva aos seus leitores quanto ao cuidado na leitura, já que muitas transformações ocorreram a nível de sociedade, e que ela própria considerasse que alguns trechos estavam obsoletos.⁷

Segue nota da autora:

“Parece extraordinário que algum livreiro considere vantajoso compra algo que ele não considera vantajoso publicar. Esse assunto, porém, não é da conta nem da autora e nem do público, exceto na ressalva de que é necessário observar os trechos da obra que se tornaram comparativamente obsoletos depois de treze anos. O público deve ter em mente que treze anos se passaram desde que ela foi concluída, muitos mais desde que foi iniciada, e que, ao longo desse período, lugares, costumes, livros e opiniões sofreram consideráveis transformações.” (AUSTEN, 2016, p. 15)

Nessa nota, a própria Jane Austen nos chama atenção para as mudanças que a mesma observa em torno do mundo e por consequência, em torno da sociedade. Em “A Abadia de Northanger”, a autora faz uma “crítica” a um romance gótico que fez parte de suas leituras. A obra além do tempo que levou para ser finalizada se manteve intocável por determinado período, até que viesse a sofrer algumas mudanças antes da publicação⁸.

Nela encontramos como personagem principal uma “heroína fora dos padrões” (AUSTEN, 2016), curioso observar que a autora nos coloca a visão de como seria uma heroína para os padrões de escrita aos quais seu público leitor estaria acostumado, sutilmente, ao construir uma personagem que é a sua⁹ heroína, e que tem suas características narradas em oposição às construções já existentes. Essa heroína se constrói, a partir da antítese das representações postas pelos romances góticos, de certa forma, parodiando as figuras construídas pelos autores do período nos romances góticos.

⁶ Ivo Barroso é tradutor e poeta, e foi o responsável pela apresentação da versão que aqui utilizamos de “A Abadia de Northanger”. Dessa forma, a referência aqui utilizada para ele será a mesma utilizada para a obra objeto de análise.

⁷ A obra começou a ser escrita entre os anos de 1795 e 1798, foi aceita por editores londrinos em 1803 e voltou às mãos da autora em 1809 sem ter sido publicada. A autora fez algumas modificações na obra, no entanto a mesma só chegou a ser publicada postumamente em 1818. Dessa forma trabalhamos com a data de publicação, pois não temos referências concretas de quando ocorreram as alterações.

⁸ Como já vimos anteriormente nesse texto, apesar das modificações feitas na obra pela própria Jane Austen, ela alerta para todo o tempo transcorrido entre a escrita-publicação, e a presença de termos obsoletos.

⁹ Jane Austen constrói sua personagem em oposição às personagens categorizadas como heroínas nos demais romances góticos, por isso chamamos atenção ao fato de que é uma heroína nos moldes pensados pela autora, não sendo portanto, vinculada aos padrões heróicos de obras do mesmo gênero.

Austen (2016) veio de uma família formada majoritariamente por homens, e diretamente ligada aos princípios anglicanos, tendo vista que seu pai era pastor. Além de reverendo, seu pai também era educador, o que em muito contribuiu para a formação educacional da Jane.

Segundo Barroso (2016)¹⁰ ainda que ela tenha frequentado um educandário e um internato, e que as experiências obtidas nessas ausências de casa tenham sido grandes motivadoras dos enredos de seus romances, o seu gosto pela literatura foi inicialmente motivado no ambiente familiar.

O gosto pela leitura foi cultivado no ambiente doméstico, por fazer parte de uma família pertencente à burguesia rural, sua condição financeira era um tanto confortável – ainda que seu pai, o reverendo Austen, complementasse a renda exercendo outras atividades, por conta da numerosa quantidade de filhos –, e Jane também contava com uma biblioteca particular bem ampla, considerando a época e suas condições.

Por ser uma família que vivia no campo, seus comportamentos eram muito peculiares, havia uma relação um pouco mais séria com algumas práticas, e mesmo com o desconhecimento prático de um ritmo de vida diferente – que normalmente era o caso das cidades-, havia ali uma sabedoria que perpassava os lares através da experiência. Davin ao estudar os costumes desse período, ressalta alguns aspectos de uma vida “rural”:

“As idéias religiosas, a verdadeira filantropia, a virtude sem ênfase, as resignações aí se mostram em toda sua potência acompanhadas de suas poesias, como uma prece antes da família se recolher ao leito. Por todos os lados os cabelos brancos da velhice experimentada mesclam-se aos cachos louros da infância.” (DAVIN, 2007, p. 25)

Sua passagem pelo educandário, mesmo que ainda criança visava o estímulo pelas atividades de cunho feminino. A intenção era preparar, as futuras jovens, em mocas atentas quanto às atividades as quais eram destinadas, e a serem vigilantes quanto aos seus comportamentos.

Ainda que sua permanência por lá não tenha se estendido, é possível observar diversas características, ligadas a esse aprendizado – voltado aos modelos que as mulheres deveriam seguir –, presentes em boa parte das suas tramas e das suas personagens principais.

¹⁰ Ver referência em AUSTEN, 2016.

Pouco tempo depois do retorno do educandário para casa, Jane se viu novamente distante do lar. A mesma fora enviada para ser uma aluna interna da Abbey School de Reading¹¹, de onde teria tido muitas de suas motivações de escrita.

Conhecendo um pouco mais sobre Jane Austen (2016), podemos perceber como a construção do romance esta permeada não somente pelas experiências da autora em ambientes como o internato – que ao que tudo indica, foi o ambiente inspirador para a obra que aqui analisamos –, mas também, o seu gosto por uma literatura gótica, nas quais as tramas costumam transcorrer com doses de mistério e um pouco de suspense.

Austen influenciada por seu gosto peculiar por esse tipo de literatura, e aliando sua imaginação também as suas experiências, construiu um romance no qual vão se delineando os ideais do comportamento a ser empregado entre as jovens da época, além de trazer a tona o debate sobre as literaturas feitas pelas mulheres e como se dava a recepção a elas em meio a sociedade em que vivia.

Sem desconsiderar também, o valor de suas experiências domésticas, assim como a educação recebida em casa. Os valores religiosos, a relação mais próxima com a figura de um educador, as motivações as experiências em sociedade e o incentivo familiar a leitura. Todos, elementos de grande importância para melhor compreendermos a escrita da autora em questão.

Dessa forma, nos voltaremos a analisar as representações construídas pela autora em sua obra, a partir daquilo que consideramos suas principais motivações, buscando compreender um pouco de como se delineiam as relações sociais ali representadas.

3.2 O romance e suas representações

Em “A Abadia de Northanger”, a autora Jane Austen desenvolve uma trama, na qual sua personagem principal, a heroína Catherine Morland, se constitui de uma jovem de dezessete anos, vinda de uma família um tanto numerosa e desprovida de grandes fortunas. Contavam, porém, com uma condição de vida relativamente confortável, tendo vista que seu pai era um reverendo e recebia alguns benefícios eclesiais, de onde vinha a fonte de sustento da família Morland.

Catherine é uma jovem que passa por uma grande transformação, não só física, mas também a respeito de seus modos. Devido a toda essa mudança, temos as primeiras aspirações da tal heroína que a autora nos apresenta. De uma criança travessa a

¹¹ A Abbey School de Reading se situava a cerca de 30 quilômetros de sua cidade natal no interior da Inglaterra.

uma moça preocupada e vigilante quanto ao seu próprio comportamento. Assim, temos a senhorita Morland, da qual a trama do romance se desenvolve.

A jovem Catherine, assim como nossa autora, Jane Austen, ambas parecem ter suas experiências bem reduzidas ao ambiente doméstico e provincial, até que conheçam uma cidade de porte médio que lhe impulsionem a novas perspectivas, e muitas cautelas. Sobre a vida doméstica e os impactos que, nesse caso uma jovem, pode se deparar ao chegar em um ambiente desconhecido, seja ele qual for:

“Aí, portanto, principalmente emoções, sensações irrefletidas; aí faltas cometidas menos pela vontade do que pela inexperiência dos costumes e pela ignorância do curso do mundo. (...) O jovem é puro. Os infortúnios nascem do antagonismo desconhecido que as leis sociais produzem entre os mais naturais desejos e os mais imperativos anseios de nossos instintos em todo seu vigor – o desgosto tem por princípio o primeiro e mais desculpável de nossos erros.” (DAVIN, 2007, p. 20)

Nessa primeira obra da Jane Austen, percebemos o quanto o enredo do romance tem semelhanças profundas com a vida pessoal da autora, observamos também, o quanto sua escrita é leve e direta – se comparada às outras obras posteriores, nas quais Jane trata de temas não menos importantes, porém com mais sutileza –.

Temos aqui na Literatura, a busca por aquilo que os heróis históricos não contam, aquilo pelo qual as lutas jamais deixaram vestígios ou marcas em um monumento. Nicolau atesta:

“A literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos.” (SEVCENKO, 1983, p. 21)

Ainda que a senhorita Morland seja uma jovem um tanto preparada, havia lido as obras comuns às moças de sua faixa etária. Seu comportamento se modificou a ponto de tornar-se uma jovem agradável de ter como companhia – ao menos aos olhos de quem a circundava –. E como de costume, foi alinhando seus desejos e suas aspirações àquilo que lhe era esperado a que se voltasse.

“e embora não existisse possibilidade aparente de que pudesse sentar ao piano e maravilhar toda a platéia de uma festa executando um prelúdio de autoria própria, era capaz de assistir a performances alheias sentindo pouquíssimo cansaço.” (AUSTEN, 2016, p. 20)

As mudanças que ocorrem em Catherine são o ponto crucial para que ela comece a traçar seu destino de heroína, a jovem, mesmo com as diversas mudanças, não se enquadrava nos moldes das moças de sua idade, no entanto, estímulos familiares não lhe faltavam.

“Tinha às vezes, agora, o prazer de ouvir comentários do pai e da mãe acerca de seu aperfeiçoamento pessoal: “Catherine está se transformando numa garota um tanto charmosa, está quase bonita hoje”; tais palavras lhe chegavam ao ouvido de vez e quando – e como soavam bem! Estar quase bonita é uma conquista do mais alto deleite para uma garota que teve aparência desgraciosa durante os primeiros quinze anos de vida; uma menina que é beldade desde o berço jamais terá o mesmo regozijo.” (AUSTEN, 2016, p.19)

Austen ao criar Catherine, constrói uma figura feminina que mesmo aspirando à um futuro muito semelhante ao das demais moças que a circundava, era uma jovem dotada de um certo conhecimento e bons modos, e que quase sempre, conseguia se manter vigilante sobre o próprio comportamento.

A senhorita Morland se debruçou, portanto, em diversos romances, dos quais acreditava ter grandes ensinamentos. Constitui-se de uma moça, inteligente e segura de suas opiniões acerca de diversos temas, e, no entanto, constantemente vigilante de seu próprio comportamento – principalmente o falar e o agir –.

Mesmo que Catherine acreditasse na importância de a mulher se manter bem informada, ciente de tudo aquilo que circunda o ambiente em que vivia, e próxima das diversas formas de expressão da arte – fosse através da música, da escrita ou do desenho –, ainda assim, ela se deixava consumir pelos atos que crescera ouvindo dizer o quanto eram reprováveis.

Precisamos levar em consideração também, que a jovem Morland não teve em sua mãe, uma figura central para o repasse de ensinamentos, de um modo geral, sua mãe estava sempre muito atarefada com a grande quantidade de filhos que precisava alimentar e cuidar para que nada de trágico pudesse acontecer.

Thompson nos chama atenção para as questões que envolvem o aprendizado – que nos referimos aqui-, dentro de alguns preceitos que tem por base o costume, o autor aqui referido, costuma fazer suas análises a partir de questões extraoficiais que permeiam principalmente, a vida daqueles que tem sua vida descrita pelos mesmos homens que lhe ditam regras.

“A criança faz seu aprendizado das tarefas caseiras primeiro junto à mãe ou avó, (...) No que diz respeito aos mistérios da criação dos filhos, a jovem mãe cumpre seu aprendizado junto às matronas da comunidade. (...). Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiência sociais ou da sabedoria comum da coletividade.” (THOMPSON, 1998, p. 18)

Dessa forma, os estudos de Thompson nos auxiliam a compreender um pouco da dinâmica social por detrás dos registros oficiais deixados pelas elites ao longo da história. Sem contar, que as experiências individuais se relacionam com as experiências

coletivas, por isso a importância de nos voltarmos cada vez mais para aqueles a quem a história oficial sempre excluiu. Através da análise, por exemplo, das mulheres – nesse caso em especial, aquelas que não pertenciam às nobrezas-, e da forma como elas impunham a educação no meio familiar, através da educação que receberam, das condições que elas possuem, e das possibilidades que se apresentam.

A exemplo disso temos trechos e mais trechos da obra, em que a autora representa o quão a personagem Catherine se coloca em posições de inferioridade diante aos diálogos que trava com figuras masculinas – na maioria das vezes com o personagem Henry, o qual Catherine alimenta esperanças sobre o futuro –.

É possível perceber na obra, retratos de uma sociedade na qual o conhecimento feminino era voltado apenas para a melhoria do desempenho de suas atividades nos meios aos quais as mulheres eram solicitadas.

O imaginário em torno da mulher e de suas atribuições, as direcionava a tomar posturas que evidenciavam um comportamento mais cauteloso e reflexivo, diante as suas companhias, os ambientes aos quais frequentavam, e os níveis sociais em que circulava.

À exemplo dessa mudança comportamental observe o trecho a seguir:

“Catherine sentiu profunda vergonha de sua ignorância. Uma vergonha equivocada. Quando as pessoas desejam se aproximar de outras, deveriam sempre se manter ignorantes. Exibir uma mente bem informada é exibir uma incapacidade de administrar a vaidade dos outros, algo que uma pessoa sensata desejaria evitar a todo custo. Uma mulher, especialmente, se tiver a infelicidade de saber alguma coisa, deveria esconder tal fato tão bem quanto possível.” (AUSTEN, 2016, p. 121, grifos meus)

Podemos aí observar como a personagem Catherine é levada a crer, que a melhor forma de manter uma boa relação perante os meios sociais – e nesse trecho em específico, ela se dirige a Henry –, é ignorar parte de seu conhecimento, permitindo dessa forma, que a figura masculina se encarregue de direcionar a formação de suas opiniões.

A ignorância a que a autora se refere, está ligada a ausência do saber. A boa formação a respeito de m tema, seja ele qual for, é vista como um sinônimo de indelicadeza para com o conhecimento do outro.

Entre as inúmeras reflexões proporcionadas pela autora, podemos observar diversas questões voltadas para a mulher, em torno de sua imagem, seu comportamento, e sobre suas concepções e julgamentos, que as mesmas construíam a partir da educação que recebiam e dos costumes aos quais estabeleciam relações de pertencimento.

Interessante observar que quando se trata da boa educação feminina, temos uma série de “normatizações”, já que existiam variáveis em torno do acesso que lhes era

possível, assim como do acesso àquilo que lhes teriam serventia, ou seja, havia um projeto em torno de uma boa educação que estivesse voltada às necessidades masculinas.

Dessa forma, ainda as jovens as quais as condições financeiras lhes podiam proporcionar uma diversidade ainda maior de leituras – por exemplo –, se viam cercadas por gêneros textuais voltados ao público feminino.

A autora nos chama atenção para essa relação que é estabelecida entre as jovens e a leitura. De modo a compreendermos a importância do romance não só durante todo o enredo, mas as influências desse tipo de leitura no desenrolar da trama.

“(…). Cara senhorita, não sou tão ignorante em relação aos costumes de jovens damas quanto devo lhe parecer: o encantador hábito de manter um diário contribui em grande medida para formar o fluente estilo de escrita pela qual as damas são tão celebradas em geral. Não há quem negue que o talento de escrever cartas apuradas seja particularmente feminino. A natureza pode ter contribuído um pouco, mas o estímulo essencial, estou certo disso, é a prática de manter um diário.”
(AUSTEN, 2016, p. 31)

O romance – como gênero textual – foi de extrema importância ao longo da nossa análise. O mesmo vem se apresentando em diferentes espaços e com diferentes questões a serem levadas a reflexão. Dentre essas questões, podemos nos voltar a alguns aspectos específicos acerca da relação das mulheres com os romances.

Entre tais aspectos, é possível perceber como a autora de *A abadia de Northanger* constrói um debate entre seus personagens, no qual, ficam claras as perspectivas de cada um – e nesse caso temos como figura central desse debate Catherine e Henry –, demonstrando as questões as quais o romance estava submetido, desde a sua utilidade até os julgamentos “pré-estabelecidos”.

Mais adiante nós voltaremos às questões ligadas a tipologia textual, por hora, as observações devem servir para a compreensão das influências que esses debates suscitam em vários momentos ao longo das representações encontradas na obra.

Jane Austen, a partir de suas noções de como deveriam ser as mulheres – em termos físicos, educacionais e comportamentais –, vai estabelecendo “classes” de mulheres, a partir das características das mesmas. A autora tem uma forte inclinação não só em estabelecer estereótipos femininos – ela também o faz em outros segmentos, mas nos voltamos às mulheres como ponto central de sua escrita –, como de pouco inovar no destino de cada personagem que de antemão tivera recebido uma classificação.

Austen também costuma se não condicionar, mas ao menos deixar claro como o casamento é uma questão de suprema importância, na qual giram boa parte das suas tramas. Dessa forma, a autora vai não só categorizando às mulheres a partir de elementos

que já vimos aqui, mas também, traçando os prováveis rumos aos quais elas estariam destinadas.

“O afeto de Henry por Catherine se confirmara; e ele pediu para si um coração que, como talvez ambos soubessem igualmente, já lhe pertencia por inteiro; pois embora Henry estivesse agora sinceramente apegado a ela, embora se deleitasse com todos os méritos de seu caráter e adorasse verdadeiramente sua companhia, devo confessar que afeição originou-se de nada mais que um sentimento de gratidão, ou, em outras palavras, que a convicção de que Catherine gostava dele fora o único motivo que o fizera considerá-la seriamente.” (AUSTEN, 2016, p. 260)

Na obra que aqui tratamos, a autora vai aos poucos nos apresentando tais classificações, e para isso, não se utiliza de meios termos para demonstrar suas inclinações, como é o caso do trecho a seguir: “A sra. Allen fazia parte da numerosa classe das mulheres cuja companhia não provoca emoção alguma, a não ser a surpresa de que possam existir homens no mundo que gostem delas o suficiente para que as admitam como esposas.” (AUSTEN, 2016, p. 24)

Temos aí o casamento como o ápice do bom comportamento e da boa conduta, o fruto colhido de toda mulher que obedecesse a lei natural de adquirir o conhecimento necessário para fazer-se interessante, todavia, não mais que ao companheiro do qual se cultivava o interesse.

A mulher não deveria ter um conhecimento tão limitado a ponto de ser considerada tola, nem tampouco ter um conhecimento tão amplo que a impedisse de aprender algo com seu companheiro, ou até mesmo a fizesse questioná-lo.

Austen, ao passo que representa a forma como os comportamentos são um dos grandes pontos de influência do estabelecimento das relações entre os grupos sociais, também nos leva a reflexão de que para fazer-se ciente de como mover-se pela sociedade, adequando-se ao comportamento necessário à ocasião a que tivesse exposta, era necessário primeiramente que o acesso ao conhecimento fosse o suficiente para gerar questionamentos internos, para assim, tomar consciência de si próprio e estabelecer uma relação de pertencimento para com o meio.

Jane ao construir sua heroína, a expõe a diversas situações às quais ela nunca havia passado, e narra sua “aventura”. Vez ou outra submete a personagem principal (Catherine Morland) a refletir acerca de sua condição enquanto mulher, o que influencia diretamente no modo como a personagem delineia seus comportamentos, a partir do lugar no qual se encontra, do grupo ao qual está acompanhada e das suas próprias convicções sobre aquilo que é de bom gosto para o comportamento.

Catherine é um jovem que busca ser aceita nos grupos em que ela se associa, para isso, sempre reflete acerca das atitudes possíveis de serem realizadas, sempre levando em consideração seu próprio julgamento.

Morland ao longo da história, não só discute sobre os gêneros literários – e outras questões ligadas a literatura –, como também nos apresenta diversas representações do meio em que vivia e de com os comportamentos serviam para moldar muitas das relações que se estabeleciam dentro dessa sociedade.

Catherine ao ter sua primeira experiência longe do convívio familiar, indo para uma cidade bem maior que a sua de origem, e na qual tinha uma variedade de atividades, não demorou a ir se habituando ao ritmo da cidade, a realizar compras – e aos poucos ir aprendendo também sobre como deveria comprar –. Catherine estabelece relações de amizade e logo tem companhia para passeios e para bailes.

Através dessas relações de amizade que a senhorita Morland estabelece, podemos observar como o convívio com pessoas de outras realidades, a heroína vai construindo suas expectativas e passa a realizar seu próprio modelo de julgamento. Ainda que no início da temporada longe do lar, Catherine tenha criado expectativas em quantidade suficiente para, se sentir um tanto frustrada, ao ver que as novidades e desejos não se resolviam prontamente.

Ainda que nunca tenha passado por determinadas situações, a personagem principal se mostra muito cautelosa quanto as suas atitudes e mesmo decisões, e conta com sua observação do meio em que circula, assim como as orientações de sua mentora na viagem à qual começa a aventura da heroína.

Catherine, como uma jovem criada no campo, se mostra deveras preocupada com a forma como é vista pelos novos conhecidos, mostra-se muitas vezes apreensiva quanto aos seus comportamentos, já que a vida na cidade tem outro ritmo e também outra dinâmica de relações. “Fossem ou não fossem rancorosos os sentimentos antes de sua chegada, suas ávidas declarações foram rapidamente retribuídas, tanto quanto ela podia desejar, com olhares e declarações amigáveis.” (AUSTEN, 2016, p. 112)

É nesse espaço da cidade que as relações se mostram mais severas quanto à, conflitos evitáveis, simpatias forçadas, ganância por poder e influência. Catherine não fora plenamente alertada pela mãe sobre, as maldades com as quais poderia se deparar.

Davin (2007) faz algumas observações, que visa estabelecer as características que envolvem determinados espaços, e que são de extrema relevância para compreender os comportamentos de acordo com as tradições que envolvem cada espaço.

“Lá, em quadros cuja moldura é estreita, mas onde a tela apresenta assuntos que tocam aos interesses gerais da sociedade, o autor empenhou-se em mostrar-nos sob as suas mil faces a grande transição pela qual os homens passam da emoção sem segunda intenções às ideias as mais políticas. A vida torna-se séria; os interesses positivos contrapõem-se a todo momento às paixões violentas assim como às esperanças as mais ingênuas. As decepções começam; aqui, revelam-se as fricções do mecanismo social; ali, o choque cotidiano dos interesses morais ou econômicos faz brotar o drama, e às vezes o crime, no seio da família, na aparência, a mais calma.” (DAVIN, 2007, p. 21)

Davin (2007) aqui faz referência ao espaço privado, do qual ele descreve como um espaço em que surgem as primeiras expectativas e também as primeiras frustrações. É nesse ambiente que se delineiam as primeiras experiências, assim como os primeiros contatos com as relações de poder, é a partir desse lugar, que o ser humano começa a desenvolver suas habilidades e a estabelecer relações com o meio.

A jovem Morland, muitas vezes se comporta de forma um tanto apreensiva, ainda que isso não seja expresso literalmente em palavras. Perante os acontecimentos, e a forma como Austen se utiliza da linguagem para construir a narrativa, podemos dar asas a livre interpretação, e deixar que as incertezas da trama incitem o surgimento das expectativas.

A construção da narrativa é, imprescindível na influência que o autor pretende estabelecer com o leitor. Desde a exposição em riqueza de detalhes até mesmo às ideias soltas que muitas vezes vagueiam pela história – o que em muitos casos prende o leitor, que busca pelo sentido das pontas soltas –. Assim sendo, percebemos que entre a informação e a explicação há uma linha tênue, na qual Austen ao longo da obra “brinca” com a imaginação e a expectativa de seus leitores.

Para melhor compreender essa relação da narrativa com a informação, Benjamin explica:

“A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase todo mundo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (...) Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.” (BENJAMIN, 1994, p. 203)

Podemos compreender assim, o porquê de a autora em alguns momentos permitir que as representações envolvidas pela trama, estimulem o leitor a tirar suas conclusões. Nos voltamos ao trecho a seguir, que não só demonstra as aflições da nossa heroína como também nos permite enxergar de forma clara com Austen faz essa construção.

“Para aliviar sua mente e avaliar, por meio da opinião de uma pessoa imparcial, os méritos reais de sua conduta, ela aproveitou a ocasião para mencionar, na presença do sr. Allen, o plano inacabado de seu irmão e dos Thorpe para o dia seguinte. O sr. Allen se manifestou no mesmo instante:

Sr. Allen — Pois bem-disse ele – e a senhorita pretende acompanhá-los?

Catherine — Não, eu tinha acabado de prometer à Srta. Tilney que faria uma caminhada com ela, quando soube da excursão. Portanto, eu não poderia ir com eles, poderia?

Sr. Allen — Não, certamente não; e é ótimo que a senhorita pense assim. Essas excursões não são coisa boa. Rapazes e moças passeando pelo campo em carruagens abertas! Vez por outra está muito bem, mas frequentar estalagens e lugares públicos em grupo! Não é correto; e não sei como a sra. Thorpe pode permiti-lo. É ótimo que a senhorita nem considere ir; tenho certeza que a sra. Morland ficaria descontente. Sra. Allen, não está certo o meu raciocínio? Não é verdade que esquemas desse tipo são condenáveis?

Sra. Allen — Sim, são de fato muito condenáveis. Carruagens abertas são detestáveis. Um vestido limpo não resiste cinco minutos nelas. Você fica salpicada quando entra e quando sai; e o vento joga o seu cabelo e o seu gorro em todas as direções. Eu mesma odeio uma carruagem aberta.

Sr. Allen — Eu sei disso, mas essa não é a questão. Não fica bem que moças sejam frequentemente conduzidas, nessas carruagens, por rapazes com os quais elas não têm sequer parentesco.

Sra. Allen — De fato, meu querido, não fica nada bem. Não suporto ver essas coisas. ” (AUSTEN, 2016, p. 113 e 114)

Como podemos ver, a autora constrói um diálogo em que sua Catherine se mostra uma moça de inteligência notável, ao utilizar ao seu favor um discurso que ela própria já sabia que lhe seria dirigido. Ainda assim, fez uso de sua aparente inocência, para ter a confirmação de que estava a se comportar de maneira adequada diante aos olhos de quem ela mais buscava aprovação.

Como já dito anteriormente, a heroína teme pela reputação que pode lhe ser atribuída, em caso de fazer algo que seja reprovável. Por esse motivo, a mesma busca refúgio não só em suas reais vontades, mas também em suas noções de bom senso, e opiniões daqueles que a protegem. Principalmente quando a mesma já começa a ter suas preferências, e alinha suas vontades àquilo que lhe é favorável perante sua reputação.

“Catherine condescendeu e, embora lamentasse pensar que Isabella estivesse agindo mal, sentiu grande alívio por ter sua própria conduta aprovada pelo sr. Allen, e verdadeiramente regozijou-se ao se ver salva, pelos conselhos dele, do perigo de incorrer a ela mesmo tal erro. Ter escapado do grupo que iria a Clifton era de fato uma salvação; pois o que pensariam os Tilney se ela tivesse rompido a promessa que lhes fizera e em seguida participasse de algo que era errado em si, se tivesse cometido uma violação de decoro apenas para se tornar culpada por outra? ” (AUSTEN, 2016, p. 115)

Com o desenrolar da história, a personagem solidifica sua amizade com uma outra senhorita, de educação superior¹² e fontes de renda abundantes, Personagem essa, que foi apresentada a Catherine através de seu irmão, o sr. Tilney, a quem nossa heroína vai nutrindo uma forte admiração e um profundo carinho. Inclusive, dando grande valor às opiniões e considerações vindas dele.

A espontaneidade da srt. Morland aliada aos seus modos respeitáveis, e sua ingenuidade, de antemão causaram encantamento no sr. Henry Tilney, e aos poucos foi conquistando outros membros da família. A relação que foi se estabelecendo entre a jovem Morland e a família Tilney, girava em torno dos modos agradáveis, e dos longos diálogos travados acerca das mais variadas temáticas.

Ainda que pertencentes à realidades amplamente diferentes, no âmbito financeiro, o que implica disparidades outras. De ambos os lados podemos perceber polidez e até certo refinamento ao lidar com as diferenças. A possibilidade de circulação em cidades receptivas, nos grandes mercados e principalmente nos bailes, tornava desses ambientes, verdadeiros ninhos de possibilidades para as mobilidades dos grupos sociais.

“Embora a vida social esteja em permanente mudança e a mobilidade seja considerável, essas mudanças ainda não atingiram o ponto em que se admite que cada geração sucessiva terá um horizonte diferente.”
(THOMPSON, 1998, p.18)

Através da exibição que determinados espaços eram capazes de proporcionar, os comportamentos e as vontades se alinham em busca de oportunidades para o estabelecimento de novas relações. É a partir desses lugares de exposição, que as pessoas também se observam entre si, e de certa forma “escolhem” quem pode vir a fazer parte do convívio.

Mesmo que outros diversos fatores, também contém para uma primeira motivação em estabelecer novas relações, tais como: o sobrenome, os amigos em comum, as relações familiares – ainda que sejam distantes –, e em alguns casos até mesmo as vestimentas e/ou aspectos físicos. Ainda assim, podemos considerar o fator comportamental, como o grande motivador das relações ali representadas na obra.

Dessa forma podemos perceber que para a autora, não há desprezo pela importância que fatores econômicos têm, ao se delimitar as fronteiras de determinados grupos sociais. Percebemos também, que há uma forte inclinação da autora, em nos demonstrar o quanto as relações comportamentais são importantes para o rompimento de

¹² Não pretendemos aqui, entrar em uma discussão sobre possíveis noções de superioridade educacional ligada às condições econômicas. Nem tampouco, igualar ao sentido que essa nomenclatura se refere nos moldes educacionais do século XX. A expressão apenas visa ressaltar a amplitude de conhecimentos a que a personagem tem acesso.

muitas dessas fronteiras, e em alguns casos, servem até mesmo como uma barreira no delineado dessas relações.

4. O romance como temática central

Como já vimos até aqui, a autora se utiliza da narrativa para representar, ainda que de maneira mais restrita, um pouco do cotidiano no qual estava inserida. Para além das questões já discutidas, ela tece uma forte crítica à forma como os romances são vistos, e demonstra isso através de diálogos entre seus personagens. Por outro lado, devido à sua grande inclinação acerca dos comportamentos, acaba por tê-los como algo intrínseco à sua escrita nessa obra.

Jane Austen ao longo da obra vai estabelecendo a relação entre os comportamentos de seus personagens e delineando a trajetória de cada um, principalmente, através desses comportamentos. Como já vimos também, esses comportamentos apesar de mutáveis, são basicamente constituídos de uma série de fatores.

Teremos aqui, alguns desses elementos que poderiam contribuir para tornar a jovem Catherine uma moça bem-educada e de grande polidez em seu comportamento. Temos então: o apreço pela leitura e também pela escrita, um gosto musical refinado e o interesse por algum instrumento, e uma boa técnica para o desenho¹³.

Não entrando nos méritos de quais desses elementos, a nossa jovem personagem acabou por desenvolver de fato, nos concentraremos apenas no aspecto da leitura, que será a nossa base para as discussões que se seguem.

Podemos perceber que a relação da personagem com a leitura nem sempre foi das mais preferidas da jovem, - já que ela costumava se deleitar com esportes e outras atividades do campo -, sem contar o tipo de leitura que a agradava. No entanto, com o seu crescimento e gradual mudança de comportamento, Catherine foi refinando seus modos, seus gostos, e por conseguinte, sua educação.

Para isso, Austen descreve:

“[...] pois desde que não fornecessem nada que se assemelhasse a conhecimento útil, desde que contivessem apenas narrativa e nenhum resquício de reflexão, ela jamais manifestou qualquer tipo de objeção aos livros. Mas dos quinze aos dezessete anos Catherine treinou para

¹³ Tais elementos foram retirados a partir da construção da personagem, feita pela autora ao desenvolver o perfil heróico de sua narrativa.

ser uma heroína: leu todas as obras que as heroínas precisam ler a fim de abastecer suas memórias com aquelas citações que são tão aproveitáveis e tranqüilizadoras nas vicissitudes de suas vidas aventurosas.” (AUSTEN,2016, p. 20)

Ao longo do texto, sutilmente percebemos a que tipo de leitura a jovem Catherine se voltou, e como o gênero romance foi importante para sua caminhada, assim como para a autora, que deixa muitas impressões suas de forma explícita na personagem - já comentamos aqui, acerca das semelhanças da personagem com a autora, e também em diversos segmentos da obra, traços claramente referenciados da vida de Austen -, como é o caso de suas inclinações literárias.

Buscaremos também refletir acerca das construções relacionadas às diferenças entre homens e mulheres, mas não em aspectos gerais, nos restringiremos à relação entre ambos com os gêneros literários. E como essas relações criam estereótipos, ou são criadas por eles.

Romance esse, que em muito contribui para termos um retrato de um grupo específico, ou de um conjunto de atitudes, nos auxiliando dessa forma, a ampliar nossos horizontes de conhecimento sobre os mais variados temas. “O romance europeu em particular, cuja glória coincidiu com a expansão do capitalismo, propõe, desde Cervantes, uma aprendizagem do indivíduo burguês.” (COMPAGNON, 2001, p. 36)

Visamos aqui, analisar a função pedagógica presente em *A Abadia de Northanger*, através da observação da narrativa. Assim como, analisar a crítica da autora a respeito de determinados comportamentos que parecem desaprováveis, mas não são nada além de uma sutil representação de como homens e mulheres possuíam noções diferentes de absorção do conhecimento, representado aqui através das influências sobre suas predileções nas tipologias literárias.

4.1 “A Abadia de Northanger”: o caráter pedagógico da obra

Como já vimos, a autora por toda a trama da obra, nos demonstra uma série de comportamentos, aos poucos a mesma vai sutilmente ligando esses comportamentos a uma trajetória específica, criando assim perfis para seus personagens – o que é comum

nas narrativas da autora, em que suas personagens femininas normalmente possuem um conjunto de características muito marcantes.¹⁴

Consideremos a intenção de Austen na obra – além da crítica aos romances góticos aos quais ela teria dedicado parte de suas leituras –, como demonstrar os meios dos quais a personagem principal se valeu para ampliar seu círculo de relacionamentos e assim, também cultivá-los.

A personagem Catherine, como de costume entre as moças de sua idade¹⁵, – e leitora assídua de romances, como já comentamos aqui diversas vezes –, não deixava de fantasiar a possibilidade de aventurar-se em meio aos cenários de suspense, que se passam as suas leituras. Para além de ser ver envolvida em uma grande aventura, com tramas misteriosas, a jovem também idealiza o encontro com aquele que virá a ser o seu herói.

Catherine não só, vive uma grande aventura ao conhecer seu herói, como também embarca em uma viagem¹⁶. A jovem sem nem mesmo perceber, tem seu destino entrelaçado ao de vários outros personagens, e ao se deparar com um cenário propício, acaba por deixar sua imaginação fluir, por vezes fantasiando sobre aspectos reais do seu cotidiano.

Mas nos voltemos aos desejos cultivados pela nossa heroína, e ainda que a mesma não nos desse a informação, a autora, através da narrativa, deixava claras as intenções da jovem Morland em agradar ao senhor Henry Tilney e à sua família. Tal clareza pode ser evidenciada em diversos momentos da obra em que a personagem se mostra extremamente temerosa pela sua aprovação ou até mesmo seu julgamento.

Como nesse trecho:

“Deixando de lado sua própria disposição, ter falhado uma segunda vez no compromisso com a sra. Tilney, ter cancelado uma promessa feita voluntariamente apenas cinco minutos antes, e ainda sob um falso pretexto, só podia estar errado. Ela não se opusera apenas em função de princípios egoístas, não levava em consideração meramente sua própria gratificação, que poderia ter sido assegurada, em certa medida, pela excursão em si, pelo prazer de admirar o Castelo de Blaize; não, ela dera importância ao que era devido aos outros e à opinião que poderiam formar sobre o seu caráter.” (AUSTEN, 2016 p. 110 e 111)

Definidos os desejos da moça, o caminho percorrido pela mesma tem como fator principal de interferência o seu comportamento. E tem como alvo principal, chegar

¹⁴ Esses conjuntos de características normalmente demonstram também as semelhanças entre personagens de obras diferentes da mesma autora.

¹⁵ No início do romance, a autora nos apresenta a jovem Catherine Morland com dezessete anos.

¹⁶ Segundo a obra, Catherine de fato realizou uma viagem com a família Tilney, na qual ficou hospedada em uma Abadia.

ao casamento. Agora nos voltemos novamente às representações, tendo vista que dela surgem diversas nuances que nos possibilitam a análise.

Devemos levar em consideração que, não sabemos se fazia parte das intenções de Austen, que sua obra tivesse uma utilidade de cunho pedagógico. Ainda assim, sabemos que a partir do momento que um autor escreve, sua produção adquire diversos sentidos. Esses sentidos são formados de acordo com a realidade sócio-cultural daquele que o lê, como também, das motivações do leitor para que o mesmo se deleite na leitura.

Dentre as várias motivações para o exercício da leitura, Robert Darnton observa:

“A leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimentos dos acontecimentos de seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir. (DARNTON, 1986, p. 212)

Desse modo nos voltaremos para o caráter educacional no qual a obra pode se propor. Levando em consideração os diversos modelos de comportamentos representados no decorrer da história. Como já citamos neste trabalho, a autora cria uma espécie de “perfil” de seus personagens, que leva em conta suas características e suas formas de se comportar.

Se bem observarmos, a medida que Austen vai expondo os comportamentos, ela vai estabelecendo juízos acerca dos mesmos. A partir daí, percebemos que a autora vai delineando uma relação entre personagem – comportamento - objetivo (a serem alcançados).

Austen vai de certa forma, estabelecendo em sua narrativa certo condicionamento entre o comportamento expresso pelo personagem e o objetivo que ele almeja. Considerando os seus juízos pré-estabelecidos¹⁷, ela normalmente se utiliza de uma dicotomia. Ela faz do uso dessas categorias um elemento para se expressar em torno dos personagens, sem precisar dizer de forma mais direta a sua opinião como narradora.

Considerando os apontamentos feitos pela autora, acerca da aprovação ou desaprovação, dos comportamentos explicitados ao longo do romance. Podemos tratar à

¹⁷ Lembrando que a autora estabelece esses juízos de conduto a partir de suas próprias concepções.

narrativa como uma espécie de manual, no qual encontramos os mais variados apontamentos que poderiam servir – principalmente às moças –, na melhoria das relações em sociedade, buscando evitar situações de vexame ou de cunho embaraçoso.

“Henry Tilney- (...) Além disso, o gosto pelas flores é sempre desejável no seu sexo, como um pretexto que a leve a sair de casa, que a provoque a fazer exercício com mais frequência do que faria de outra maneira. Embora o amor por um jacinto possa ser um tanto inofensivo, nunca se sabe. Uma vez que o sentimento foi despertado, a senhorita talvez poderá, com o tempo, aprender a amar uma rosa. (...) – De qualquer forma, porém, fico satisfeito ao ver que a senhorita aprendeu a amar um jacinto. O mero costume de aprender a amar é a questão, e a disposição para aprender, numa jovem dama, é uma grande benção.” (AUSTEN, 2016, p. 186-187)

É necessário, porém fazer uma ressalva quanto ao uso da obra como um guia em favor dos bons comportamentos, a fim de combater outra problemática, que permita uma abrangência maior quanto ao uso desse guia.

Tomaremos como exemplo a personagem principal da obra, a jovem Catherine Morland, caracterizada pela autora como heroína. Consideramos que temos então a heroína de um romance, a maior expectativa em torno das experiências que a mesma vai obter ao longo da história, giram em torno do encontro com aquele que virá a ser seu herói – seu par.

Como de costume nas obras da Jane Austen, teremos como ápice no desenrolar da trama, o pedido de casamento. Tornando a proposta personagem – comportamento – objetivo, de alta relevância na busca pela primazia em torno dos modos a que o romance se destina a destacar – ao exercer o papel de guia/manual.

Ainda que, tenhamos usado como exemplo uma figura feminina, a obra traz ensinamentos pertinentes a qualquer pessoa que a leia, e não somente como um manual de instrução de como as mulheres devem se portar. Todavia, a autora nos chama a atenção para a relação de distanciamento que se estabelece entre o homem e o romance, tecendo críticas através de diálogos entre seus personagens.

4.2 O romance: a crítica de Austen em torno de suas representações

Como vimos anteriormente, a obra pode servir como um “manual de instruções” para o comportamento adequado, o que pode evitar situações de cunho embaraçoso perante a sociedade. Não podemos esquecer que a figura principal é uma mulher, e que as tramas secundárias da história giram em torno de outras mulheres.

Ainda que, isso influencie quanto ao público leitor que demonstra um maior interesse, é preciso que se enxergue essa relação com mais amplitude. Assim, temos no romance da Jane Austen, elementos que nos proporcionam inquietações quanto à imagem construída a respeito desse gênero.

Nos voltamos a tais reflexões, tendo vista que a própria autora, vai delimitando os elementos que perpassam por esse debate, acerca da importância do romance, e de com ele é voltado para as mulheres. Chegando até mesmo a ser subjulgado em alguns momentos, devido a sua imagem estar ligada ao feminino.

Na obra, percebemos como a autora traz a temática à tona, e se utiliza de seus personagens centrais para estabelecer diálogos que discutam sobre o tema. Observe com a personagem Catherine, se porta ao entrar nessa discussão de forma mais sutil, tentando não criar nenhum clima de desconforto.

“Catherine — Nunca olho para a colina – disse Catherine, enquanto caminhavam ao longo do rio – sem pensar no sul da França.
Henry — A senhorita já esteve no estrangeiro, então ? – perguntou Henry, um pouco surpreso.
Catherine — Não! Eu me refiro a coisas que já li. Sempre me vem à mente a região que Emily e seu pai percorreram, em *Os mistérios de Udolpho*. Mas ousa dizer que o senhor nunca lê romances.
Henry — Por quê ?
Catherine — Porque eles não são inteligentes o bastante para o senhor. Cavalheiros preferem leitura melhores.
Henry — A pessoa que não sente prazer com um bom romance, seja cavalheiro ou dama, só pode ser intoleravelmente estúpida. (...)”
(AUSTEN, 2016, p.116)

Como vimos anteriormente, Catherine foi desenvolvendo seu gosto pela leitura com o passar do tempo, não é de se espantar que tenha nos romances sua predileção. Para isso:

“Eleanor — (...) A senhorita gosta desse tipo de leitura ?
Catherine — Para dizer a verdade, não gosto muito de nenhum outro tipo.
Eleanor — Não diga!
Catherine — Bem, às vezes leio poesia, drama, coisas assemelhadas, e também não tenho aversão por relatos de viagem. Mas por história, pela história real e solene, não consigo me interessar. A senhorita consegue ?
Eleanor — Sim, tenho muito apreço por história.
Catherine — Gostaria de poder dizer o mesmo. Leio um pouco por dever, mas os textos não me dizem nada que não seja cansativo ou irritante. As rixas de papas e reis, com guerras ou pestilências em todas as páginas; os homens sempre tão imprestáveis, e praticamente

nenhuma mulher... é ao extremo enfadonho. Mas muitas vezes me parece estranho seja tão insípida, porque grande parte só pode ser invenção. As palavras que são colocadas na boca dos heróis, seus pensamentos e projetos... a maior parte disso tudo só pode ser invenção, e a invenção é o que me encanta nos outros livros.”
(AUSTEN, 2016, p.118-119)

Percebemos aqui, o quanto nossa autora consegue refletir sobre as construções históricas do período em que vive. A mesma problematiza a ausência das mulheres na construção dos discursos históricos, assim como, lhes eram retratados os grandes nomes, cercados por grandes ideias e grandes feitos.

Podemos também analisar como a autora, através de sua heroína, nos demonstra uma ideia muito bem formada a respeito da relação dos homens com a leitura, a mesma, acaba por ser surpreendida ao se deparar com o seu herói (Tilney), no qual além de ter se equivocado, pôde ter uma perspectiva diferente sobre o assunto.

Austen constrói esses diálogos, com um cuidado que muito se refere em não estabelecer entre seus personagens, uma relação de julgamento que se fundamente em seus gostos. De maneira saudável, a narrativa vai se estabelecendo, sem precisar contar com um arsenal de informações soltas – e às vezes com pouca relevância.

A autora ao contrariar as idéias de Catherine – através do diálogo com Tilney –, demonstra que os romances não eram leituras restritas e tampouco desinteressantes. Sem contar que nos leva a refletir sobre os aspectos que compõem o processo de escrita, e também de classificação das obras, bem como, os estereótipos que são construídos em torno delas.

“Assim, em vez de procurar as conexões diretas e óbvias que poderiam sustentar a simples rotulação das obras como politicamente boas ou ruins, ou como representantes de uma outra tendência ou classe, manteve-se a posição geral, embora com uma redefinição radical do que realmente são os processos variáveis literários e estéticos.”
(WILLIAMS, 2014, p. 258)

Temos aqui, a personagem principal da história como alguém que, vê o homem envolto em um conhecimento que de certa forma sub-julga o romance. Não é difícil que a partir daí, se estabeleça uma relação de “sub-gênero”, ligada a relação da mulher com os romances.

Dessa forma, é possível refletir acerca de como a construção que gira em torno dessa ideia, de que o homem e a mulher não tem princípios igualitários de qualquer natureza, ao ponto de nem mesmo no âmbito da leitura, ambos desenvolverem o uso de um mesmo instrumento, e com um mesmo fim, que nesse caso, é o deleite.

Agora nos voltemos ao jovem Tilney, que surpreende nossa heroína primeiramente ao se mostrar interessado no gênero, e que vai além, ao admitir certa aversão a todo àquele que faz pouco caso das narrativas românticas, não restringindo nem a homens e nem a mulheres a sua “repulsa” por desprezarem o romance.

Sabemos que a ideia de Catherine sobre o assunto se constrói, a partir do meio em que vive e as pessoas com as quais havia se relacionado, o que não quer dizer que a mesma estava errada ao acreditar nessa premissa. Mas não podemos desconsiderar a influência disso não só para nossa heroína, mas de um modo mais geral diante a sociedade.

Em um outro momento, temos a figura de nossa heroína um tanto reflexiva acerca do quanto se deixou envolver em sua apreciação dos romances góticos, aos quais tinha maior inclinação. A autora aqui, nos chama atenção sobre os perigos do envolvimento com uma obra literária.

“Henry — Se entendi corretamente, a senhorita imaginou uma história tão pavorosa que sequer posso descrever... Cara srta. Morland, considere a natureza tenebrosa das suspeitas que lhe passaram pela cabeça. Quais eram suas premissas ? Lembre-se do país e do século em que vivemos. Lembre-se de que somos ingleses, de que somos cristãos. Consulte o seu próprio discernimento, a sua própria noção das probabilidades, a sua própria observação do que se passa em volta. A nossa educação nos conduz a tais atrocidades ? As nossas leis são coniventes com elas ? É possível que sejam perpetradas e permaneçam ignoradas, num país como este, onde as relações sociais e literárias estão de tal forma avançadas, onde cada homem vive cercada por uma vizinhança de espiões voluntários e onde estradas e periódicos escancaram tudo? Minha caríssima srta. Morland, que idéias sua fantasia admitiu?

Eles haviam chegado ao fim do corredor e, com lágrimas de vergonha, Catherine correu para o seu quarto.” (AUSTEN, 2016, p.211)

Podemos perceber o quanto a jovem se deixou envolver pelas tramas literárias a que se debruçava, e também a expectativa criada em torno do ambiente em que estava. Tais elementos quando combinados com uma dose de inexperiência e ingenuidade, de fato, contribuíram para o embaraço da nossa jovem heroína.

Catherine acabou por deixar-se confundir com tantas informações que apreendia. Seus impulsos joviais pela vivência de uma aventura, fizeram-na perder em alguns momentos, um pouco da noção entre o real e o fantasioso. Ainda que ela acreditasse que a abadia não era como nas suas leituras e se mantivesse tranquila quanto a isso, inicialmente.

“Ele sorriu e disse:

Henry — A senhorita criou para si uma imagem muito favorável da abadia.

Catherine — Por certo que sim. Não é um desses belos lugares antigos, exatamente igual àqueles sobre os quais lemos nos livros?

Henry — E a senhorita está preparada para encontrar todos os horrores que poderão surgir num edifício igual “àqueles sobre os quais lemos nos livros”? A senhorita tem um coração forte? Nervos capazes de enfrentar estantes e tapeçarias que escondem passagens?

Catherine — Sim! Não creio que ficarei assustada com tanta facilidade, porque teremos tantas pessoas na casa. Além do mais, ela nunca esteve desabitada e abandonada por anos, para que de repente a família voltasse sem desconfiar de nada, sem dar aviso algum, como geralmente acontece.” (AUSTEN, 2016, p.169)

Todavia, ao ter adentrado a abadia, a jovem Morland se deparou com tamanho requinte que inicialmente, se manteve firme quanto à segurança que aquela construção lhe demonstrara. Mas logo seguida, permitiu que sua imaginação fluísse ao ponto de viver momentos angustiantes por não conseguir diferenciar o fantasioso e o real diante dos seus olhos.

“(…) Ela permaneceu inerte por alguns momentos, tomada de horror. O infortúnio era completo; não restava um único vestígio de luz no pávio, nada que desse esperança ao sopro renovador. Um escuridão impenetrável e definitiva tomou conta do quarto. Uma violenta rajada de vento, surgindo com súbita fúria, acrescentou à cena um novo terror. Catherine tremia dos pés à cabeça.” (AUSTEN, 2016, p.182-183)

Pouco antes da jovem Morland chegar até a abadia, a mesma teceu um diálogo com o sr. Henry Tilney, em que o mesmo a incitava sobre possíveis terrores que os aguardariam na abadia – sem sequer imaginar o quanto a imaginação da srt. Morland fugiria do controle-. Mas se prestarmos bem atenção nesse trecho, podemos perceber a real intenção da autora na obra.

Já comentamos a respeito da capacidade da autora em construir as narrativas de maneira leve e ao mesmo tempo muito direta. Nesse caso, a autora construiu a narrativa de maneira cômica, onde deixou clara através do seu exagero na criação de um clima de suspense, o seu não entusiasmo por escritos dessa mesma natureza.

Nos voltando a questão principal deste último tópico, que gira em torno do romance e da representação de como era a relação entre a mulher e o romance, e o homem e o romance, podemos nos certificar quanto a vênemencia que a autora defende a o gênero, assim como o seu uso por todos aqueles que se interessarem.

Sabemos que ao longo da história, a mulher sempre foi sub-julgada, e até mesmo deixada de fora das narrativas históricas, já que ali não deveria ser o seu lugar.

Pouco a pouco, foi conquistando espaço, ainda assim, em uma espécie de “liberdade vigiada”. Vendo sua tutela passar do pai ao marido, por gerações e gerações.

Voltar o nosso olhar para o romance e vê-lo categorizado como sub-gênero por tem grande apreciação no meio feminino – e ter sua produção moldada pra agradá-las ao mesmo passo em que as controla-, é nada mais que perceber, não só a irrelevância de tais pensamentos, mas também compreender como se criavam mecanismos de controle sutis, em torno do comportamento feminino.

“As diferenças entre os sexos, inegável biologicamente, sempre foi alvo de reflexões, jogos, tensões, e, principalmnete, de fabricação de pensamentos e modelos. A mulher quase sempre esteve ligada à imagem de submissa, possuindo uma razão inferior à masculina, por isso possuíam paixões desenfradas devendo então aprender e se submeter às regras de conduta. No decorrer dos séculos XVIII E XIX, surge a ideia de igualdade, por isso assuntos, como a diferenças entre os sexos, são esquivados, mas sua imagem continuava ligada à inferioridade.” (SILVA, 2007, p.18)

Dessa forma, percebemos a relevância das análises para problematizar a representação dos comportamentos e até mesmo a construção dos estereótipos, e das classificações que envolvem não só diretamente um grupo de pessoas – na sua maioria as mulheres-, mas também as referências artísticas as quais cabe o divertimento e o deleite.

Nesse caso, o uso da obra literária como um instrumento de normatização, através da construção da narrativa. Ainda que percebamos na autora uma capacidade crítica e questionadora muito forte, sabemos que ela também é fruto desse mesmo processo de moldes comportamentais e restrições do conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance da Jane Austen que aqui vimos, é uma obra que foi escrita visando satirizar os romances góticos da época, e que podemos perceber a escrita leve da autora, e mais ainda, seu sarcasmo ao tratar dos romances aos quais visava tecer sua crítica. Essa obra que aqui trabalhamos é a “A Abadia de Northanger”, se trata do primeiro romance escrito da autora inglesa Jane Austen, que, no entanto, teve sua publicação em caráter póstumo.

Como vimos, a narrativa circula livremente entre várias temáticas pertinentes ao cotidiano da autora, que aproveitou a deixa para ressaltar seu posicionamento firmemente entre uma fala e outra de seus personagens. Seja quando descrevem minuciosamente as relações entre eles, suas motivações, ou quando problematiza a temática do romance como, algo relevante ou não na sociedade inglesa da virada do século XVIII para o XIX, e se posiciona firmemente na defesa do gênero.

Mais que isso, Jane Austen nos faz refletir sobre como os estereótipos se fazem presentes e interferem diretamente no modo de se relacionar dos grupos sociais. “A Abadia de Northanger” nos abre um leque de possibilidades de análise, de grande relevância para o fazer histórico.

Tentamos construir um panorama da mobilidade das relações que se estabelecem em sociedade – nesse caso, restringindo à Inglaterra em fins do século XVIII e início do XIX, a partir das representações construídas pela autora Jane Austen. Sendo necessária também, uma vasta pesquisa acerca de informações da autora e da publicação da obra, o que de fato pode despertar outras questões de análise, ou até mesmo facilitar a compreensão de outros aspectos que estejam inicialmente “soltos”.

Foi necessária uma intensa pesquisa sobre a vida da autora, afim de compreender um pouco do contexto histórico em que ela vivia, quais as suas experiências, como era seu ambiente familiar, sua dedicação quanto aos estudos e suas influências. Todos esses aspectos, visando à melhor compreensão do texto, e uma análise mais minuciosa e um pouco mais distanciada do objeto.

Importante explicitar que o trabalho gira em torno das diversas representações a que tivemos acesso na obra. E que a autora constrói a sua narrativa de forma a contemplar cada elemento que ela se propôs a demonstrar as suas representações e a tecer suas críticas.

E é a partir dessa análise acerca de elementos sociais, adotando como fonte uma obra literária, que busquei aliar tais áreas do conhecimento, rompendo as barreiras entre eles e ainda proporcionando reflexão de caráter interdisciplinar, no que se refere à compreensão histórica.

Dedicarmo-nos aqui em tratar o documento histórico consistente em uma obra literária, problematizando-o e criticando-o de forma a retirar dele tudo que puder ser reforçado ou questionado, como fonte documental, e nos valendo das perspectivas da História Cultural para guiar esse trabalho.

Não podemos esquecer-nos de mencionar, o grande valor de ter uma figura feminina com a coragem para encarar o desafio de mostrar seu trabalho – ainda que as primeiras obras sejam com pseudônimos-, e ainda fazer dele um instrumento de crítica sobre a tipologia textual do romance e os julgamentos a que o gênero era submetido. E também por ter encontrado nessa obra uma espécie de manual de comportamentos.

Neste trabalho, busquei aliar conceitos e análises históricos, afim de demonstrar a importância da literatura como uma fonte vasta de pesquisa, tratando o texto literário como uma fonte documental, recheada de representações, e que nos permite grandes possibilidades de pesquisa na busca da compreensão histórica.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. **A Abadia de Northanger**. – Porto Alegre: L&P, 2016.
- BORRALHO, José de Henrique de Paula. Onde Clio e Calíope se fundem: a metáfora da farinha d'água. In. **Teoria literária e suas fronteiras**. PUCHEU, Alberto; TROCOLI, Flávia; BRANCO, Sônia. Rio de Janeiro: Azougue Ed. 2014. PP. 25-41.
- _____. **O fim da separação entre literatura e história**. In: Revista Contemporânea. Rio de Janeiro, Niterói – UFF. Ano 3, nº 4, vol 2, 2013, PP. 1-23.
- _____. Sem Poesia. **Versura: poemas, contos e crônicas**. São Luís: Café & Lápis; EDUEMA, 2014
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-93.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados. São Paulo: vl: 11. 1991.
- COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria. Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURK, Peter. **A escrita da história: Novas Perspectivas** . São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- _____. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime**. Companhia das Letras, 1987.
- DAVIN, Félix. **Estudos de costumes no século XIX**. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. – Jorge Zahar Ed., 2004.
- FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. In: PYNSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia de (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MAFRA, Liana Márcia Gonçalves. “Nadie es heroe por irse, ni patriota por quedarse”: história e literatura em El Siglo de viento, de Eduardo Galeano. In: BORRALHO, José

Henrique de Paula. **Literatura, filosofia, história e outras linguagens.** – São Luís: Ed. Uema; Café & Lápis, 2016.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** – 2. Ed. 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense, 1983

SILVA, Cristiano César Gomes. **Espelhos da História na escritura de Graciliano Ramos:** os múltiplos sentidos do discurso na cena político-literária. João Pessoa: Programa de pós-graduação em letras da Universidade Federal da Paraíba, 2011. (Tese de doutorado).

SILVA, Yara dos Santos. **Saindo da Casa de Bonecas**

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum.** Revisão técnica: Antônio Negro, Cristo a Meneguelli, Paulo Fontes. – São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

WALTER, Benjamin. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. – 7. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

WILLIAMS, Raymond. **A produção social da escrita.** – 1º Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. A construção da identidade feminina: literatura e memória. IN: MENDES, Algemira de Macêdo; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires. (orgs). **Literatura e gênero: relações de poder e representações literárias.** Teresina: Editora Edufpi, 2014.